Fundado em 1864, o seu Arquivo é Tesouro Nacional

Diário de Notícias

www.dn.pt / Segunda-feira 26.8.2024 / Diário / Ano 160.º / N.º 56 739 / € 1,50 / Direção interina Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos)

POLUIÇÃO DO AR ACELERA 6 MIL MORTES E CUSTA MILHÕES AO ESTADO EM SAÚDE E MULTAS

AMBIENTE Portugal arrisca milhões de euros em multas por incumprimento sistemático de diretivas ambientais e perde, em Lisboa, 1150 euros por habitante/ano em custos com saúde e produtividade. O governo criou um grupo de traballho para acelerar medidas atrasadas há mais de 10 anos.

PÁGS. 8-9

EXCLUSIVO THE NEW YORK TIMES COMO A PERDA DE AUDIÇÃO E DE VISÃO AUMENTA O RISCO DE DEMÊNCIA

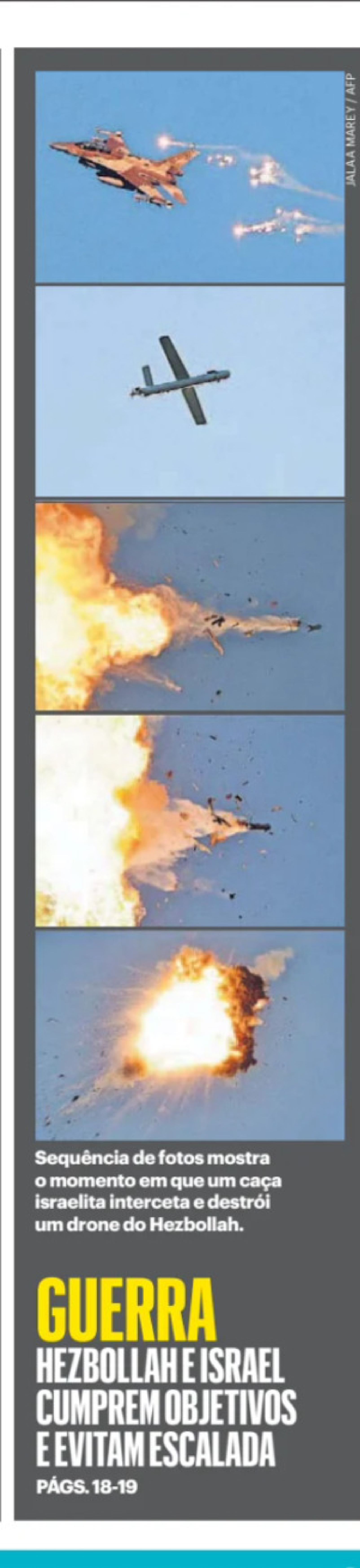
PÁGS. 10-11

MARC RAYMOND

"DEMOREI 10 ANOS A PERCEBER QUE NÃO SOU UM ESCULTOR, SOU UM CONSTRUTOR"

PÁGS. 26-27





Sequência de fotos mostra o momento em que um caça israelita interceta e destrói um drone do Hezbollah.

GUERRA

HEZBOLLAH E ISRAEL CUMPREM OBJETIVOS E EVITAM ESCALADA

PÁGS. 18-19

PSD
Universidade de Verão com mais procura e novos temas

PÁGS. 4-5

Incêndios na Madeira
Os cincos alvos acusados de "descontrolo"

PÁGS. 6-7

Investimento
Procura de crédito à habitação cresce entre os estrangeiros

PÁG. 16

Jogo dos famosos DN Brasil
Ronaldinho proporciona domingo de futebol brasileiro em Lisboa

PÁG. 15

QUESTIONÁRIO DE PROUST DO CHATGPT

MIGUEL TEIXEIRA

CHEF DO RESTAURANTE ERVA, EM LISBOA

"SE PUDESSE, AVANÇAVA 200 ANOS... TENHO ALGUMA CURIOSIDADE EM SABER O QUE ISTO VAI DAR"

PÁG. 13

MUNDIAL DE CANOAGEM MEDALHAS PARA TODOS. MESSIAS SOMA NOVO OURO E PIMENTA DÁ PROVA DE FORÇA

PÁG. 24



Até ver...

Filipe Gil
Editor do Diário de Notícias

Era uma vez o futebol

Ainda hoje recordo a sensação fria e estranha que sentia nos instantes iniciais em que me sentava nas bancadas de betão quer do antigo Estádio da Luz quer do antigo Estádio de Alvalade – frequentei ambos com assiduidade quando era criança, há uns 40 anos. Ao fim de uns largos minutos, o corpo habituava-se ao incómodo e à dureza, sem a tal "almofadinha" vendida à porta dos estádios, apregoada de forma *sui generis*. Isso tudo era esquecido à medida que a atenção ia para o que se passava nas quatro linhas, aqui ou ali distraída pelas bandeiras e fumos das claques e depois, no intervalo, desviada para o homem que vendia as pipocas cheias de corantes e tubos com queijadas de Sintra.

Recordo dois jogos que me marcaram. Um em 1982, quando o Sporting foi campeão e no final do encontro os jogadores correram para o balneário a fugir da invasão de campo pacífica dos adeptos leoninos. Recordo a imagem esguia do saudoso guarda-redes Ferenc Meszaros a correr desalmadamente já só em cuecas. Festa rija, como se fazia nos anos 80.

O outro jogo foi o da meia-final da então Taça dos Clubes Campeões Europeus – a atual Liga dos Campeões – num Estádio da Luz a abarrotar e certamente com uma assistência bem para lá dos 120 mil lugares oficiais. De tal forma que vi esse jogo em pé, encostado à base de um dos *placards* no topo do estádio. Nessa noite o Benfica venceu a equipa romena do Steaua de Bucareste com dois golos de Rui Águas. E contribuiu para os encarnados chegarem à final da competição, para jogar com os holandeses do PSV Eindhoven em Estugarda. O resto é história.

Estes dois exemplos, um pouco saudosistas, admito, espelham uma época que não existe mais no futebol. Não era perfeita, era algo *naïf*, mas vivia-se o futebol de uma forma mais apaixonada e menos cínica. As conversas dos adeptos eram bem diferentes das de hoje. Falava-se do jogo, da tática, e as rivalidades eram mais saudáveis, apesar de bem fortes.

Hoje, para quem gosta verdadeiramente de futebol, da bola, do jogo jogado, da tática em campo, não há altura mais irritante, quiçá frustrante, como a que vai da pré-época ao fecho do mercado de transferências de jogadores. E se o leitor for adepto de um dos clubes grandes, como o são a maioria dos portugueses, tem ao seu dispor nos vários canais de TV, nos jornais desportivos e generalistas (em papel ou nos *sites*) e até nas rádios meses a fio de notícias e comentários sobre as transferências. A partir de uma certa hora do dia, com repetição da temática com novos intervenientes umas horas mais tarde, o comentário futebolístico toma conta de vários canais de TV. Já o vemos como normal, mas nestes meses a temática dominante é mesmo as transferências com a esperança recorrente de ver grandes jogadores do futebol internacional chegarem, ou regressarem, a um dos três grandes. E fala-se muito de investimentos, do retorno financeiro, das percentagens das vendas, dos interesses de A ou B e demais palavras do léxico mais ligado à economia. É a economia, estúpido, poderá o leitor estar a pensar, ou ainda usar outro bordão atual: o futebol é um negócio! Sim, mas não. O futebol parece caminhar para uma pornografia de valores financeiros e começa a ser tratado com uma bolsa de valores. E isso, a meu ver, está a matar o futebol. A literacia futebolística, que outrora era dominante entre os adeptos, perde-se. É claro que é necessário evoluir, é claro que os clubes devem ser geridos de forma transparente e devem ter em conta que o público é hoje bem diferente daquele que enchia Alvalade e a Luz dos anos 80. Mas hoje vamos a alguns grandes estádios no meio de tanta música, tanta mensagem publicitária, luzes, fogo de artifício, dá a sensação de que o jogo jogado encaixa-se ali pelo meio. Lamento, o futebol não tem de ser como a NBA (que adoro), não precisamos de transformar este desporto num espetáculo de entretenimento com um jogo de futebol no meio. É preciso ser moderno, mas sem esquecer o que importa: a bola a rolar e os golos a entrarem nas balizas.

Se calhar, em relação ao futebol estou a ficar uma espécie de "Velho do Restelo", saudosista, incomodado com o andar da carruagem. Talvez. Mas o certo é que o negócio começa a refletir-se também para dentro do jogo. Recorde-se o último Europeu na Alemanha. Com exepção do futebol da seleção espanhola, a banalidade (e boçalidade) da maioria do futebol nos jogos a eliminar foi reinante. É pena. Vai afastar as novas gerações, pós-Cristiano Ronaldo, a geração TikTok, de saborearem um pouco do que é o espírito do verdadeiro futebol. Nesta tristeza, ou falta de adaptação, encontrei uma solução que partilho com os leitores. Sou adepto ferrenho de um dos grandes, mas isso não me impede de ir ver jogos de outro(s) em divisões inferiores. Os jogos da Liga 3 são um hino ao purismo futebolístico. O que se perde na falta de grandes craques dentro de campo ganha-se com o que se vive em redor. Famílias inteiras, sofredores crónicos, momentos ingénuos. E até o homem das queijadas ainda anda por lá. Apenas o frio do cimento foi substituído por bancos de plástico. Convido o leitor, adepto de futebol, a fazer o mesmo. É uma experiência fantástica que se torna um bálsamo para continuar a gostar do futebol, pelo menos no presente, já que o futuro ao dinheiro pertence.

OS NÚMEROS DO DIA

540

MILHÕES DE DÓLARES

A candidata à presidência dos EUA Kamala Harris já angariou 540 milhões de dólares para a campanha eleitoral em que vai defrontar o anterior presidente, Donald Trump.

35.º

LUGAR NO ATP

O tenista português Nuno Borges inicia hoje a sua presença no Open dos Estados Unidos, último torneio do Grand Slam da temporada, com o melhor *ranking* de sempre, o 35.º lugar ATP. Tem encontro marcado com o argentino Federico Coria (78.º ATP).

79,8

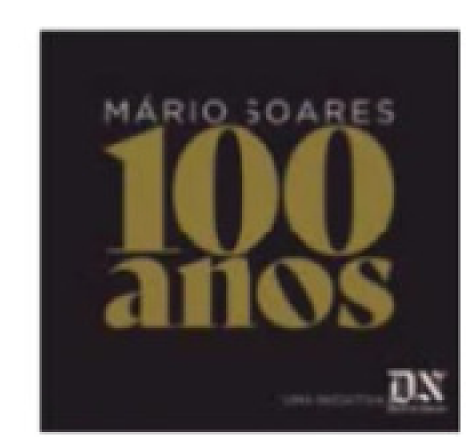
MILHÕES DE EUROS

O investimento em inteligência artificial em Portugal deverá crescer 33%, para 79,8 ME, este ano, de acordo com a empresa IDC Portugal.

50

DIAS

O Hospital Europeu de Gaza, em Khan Yunis, retomou ontem a atividade, depois de 50 dias fora de serviço sem receber doentes, informou o Ministério da Saúde do governo do enclave palestiniano, controlado pelo movimento islamita Hamas.





Direção interina: Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Diretor de arte** Rui Leitão **Diretor adjunto de arte** Vítor Higgs **Editores executivos** Carlos Ferro, Helena Tecedeiro, Pedro Sequeira **Editor executivo adjunto** Artur Cassiano **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Fernanda Câncio e Leonardo Ralha **Editores** Sofia Fonseca, Carlos Nogueira, Ricardo Simões Ferreira, Rui Frias, Filipe Gil e Nuno Fernandes **Redatores** Amanda Lima, Ana Meireles, César Avó, David Pereira, Isabel Laranjo, Isaura Almeida, Mariana de Melo Gonçalves, Rui Miguel Godinho, Susete Henriques, Susana Salvador e Vítor Moita Cordeiro **Revisão** Adelaide Cabral **Arte** Eva Almeida (coordenadora), Fernando Almeida, João Coelho **Digitalização** Nuno Espada **Dinheiro Vivo** Bruno Contreiras Mateus (Diretor) **Evasões** Pedro Lucas (coordenação) **Notícias Magazine** Inês Cardoso (Diretora) **Conselho de Redação** Ana Meireles, César Avó, Fernanda Câncio e Sofia Fonseca **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves **E-mail geral da redação** dnot@dn.pt **E-mail geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 5.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.ºA – 3000-226 Coimbra. Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em www.dn.pt. Tiragem média de Fevereiro 2024: 6 084 exps.

PSD

Universidade de Verão com mais procura e novos temas

FORMAÇÃO Três ministros, dois especialistas em inteligência artificial e um medalhado olímpico estão entre as estrelas do evento, que, desde hoje e até domingo, junta uma centena de aspirantes a políticos em Castelo de Vide.

TEXTO **LEONARDO RALHA**



Marques Mendes volta a participar numa edição da Universidade de Verão do PSD.

Arranca ao final da tarde de hoje a primeira edição da Universidade de Verão do PSD desde que os sociais-democratas regressaram ao poder, e o seu diretor, Carlos Coelho, admite que os pedidos de inscrição no evento, que decorre até ao próximo domingo, foram "talvez um pouco mais" do que em 2023, mas "dentro do que tem sido habitual".

Certo é que a organização do evento, que é aberto a militantes da Juventude Social-Democrata (JSD), a jovens quadros do PSD e a independentes com ligação ao partido nas autarquias, no movimento estudantil ou em qualquer outra atividade social, recebeu 350 candidaturas para os 100 lugares disponíveis. Essa centena irá passar os próximos sete dias num hotel de Castelo de Vide ouvindo especialistas em política, economia, tecnologia e comunicação e participando em exercícios práticos que visam formar a próxima geração de políticos. A média etária dos participantes é de 22 anos, vêm de todas as partes de Portugal e de países africanos lusófonos e um terço são do sexo feminino.

Garantido por Carlos Coelho, desde há muito o principal responsável pela Universidade de Verão do PSD, agora na 21.ª edição, está que o facto de o partido ter voltado ao poder não teve reflexo no programa. "Não é a primeira que se realiza quando o PSD está no governo", realça o antigo eurodeputado, recordando que Luís Montenegro estará na sessão de encerramento enquanto primeiro-ministro, tal como antes dele estiveram Durão Barroso, Pedro Santana Lopes e Pedro Passos Coelho (ver texto nestas páginas). E recorre a outro argumento: "Não houve a preocupação de 'encher' a semana de formação com membros do governo."

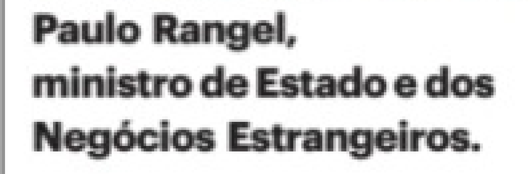
Ao todo serão três os ministros a participar, com destaque para a titular da pasta da Juventude e Modernização, Margarida Balseiro Lopes. A antiga presidente da JSD vai ser a oradora do jantar-conferência na quarta-feira, mas também divide com Carlos Coelho a avaliação do desempenho dos participantes. Já na terça-feira será o ministro de Estado e dos Negócios Estrangeiros, Paulo Rangel, a encerrar os trabalhos e na sexta-feira o titular dos Assuntos Parlamentares, Pedro Duarte, debaterá o tema "Crise nos *media*: o Estado deve intervir?", com o *publisher* do jornal *online* ECO, António Costa.

Outras figuras destacadas do programa da Universidade de Verão do PSD incluem o cabeça de lista da Aliança Democrática nas eleições para o Parlamento Europeu, Sebastião Bugalho, que falará sobre "a instabilidade na incerteza" da Europa na tarde de terça-feira; o antigo secretário de Estado da Energia Nuno Ribeiro da Silva, a apresentar a "grande oportunidade para Portugal" de ligar ambiente e economia, na tarde de quarta-feira, e o conselheiro de Estado, comentador político (e potencial candidato à Presidência da República) Marques Mendes, que é orador convidado para o jantar-conferência na quinta-feira. Na manhã de sexta-feira, os professores universitários Nuno Severiano Teixeira, ministro da Administração Interna e da Defesa em Executivos socialistas, e Mónica Ferro, que foi secretária de Estado da Defesa no efémero segundo governo de Pedro Passos Coelho, debaterão as eleições presidenciais nos Estados Unidos e os seus reflexos no resto do mundo.

Sinal das mudanças em curso na política é a existência de uma



FILIPE AMORIM / AFP



Paulo Rangel, ministro de Estado e dos Negócios Estrangeiros.



PAULO SPRANGER/GLOBAL IMAGENS

Sebastião Bugalho, deputado no Parlamento Europeu.



PAULO CUNHA/LUSA

Margarida Balseiro Lopes, ministra da Juventude e Modernização.



LEONARDO NEGRÃO / GLOBAL IMAGENS

Pedro Duarte, ministro dos Assuntos Parlamentares.



FACEBOOK PSD

Especialmente mediático será o jantar-conferência de sexta-feira com Fernando Pimenta. O canoísta de Ponte de Lima, que foi medalha de prata em Londres, de bronze em Tóquio e finalista em Paris, foi convidado por Luís Montenegro.

sessão, na manhã de sábado, dedicada ao tema "Inteligência artificial: O que vem aí?", que conta com a participação dos especialistas portugueses Daniela Braga e Paulo Dimas. "Creio que a inteligência artificial é uma conquista da evolução da tecnologia que lança vários desafios éticos e societais. A nova geração de quadros políticos tem de estar atenta à sua importância e aos riscos que comporta", justifica o diretor da Universidade de Verão.

Exercícios e olímpicos

Na "oportunidade de formação pluridisciplinar para valorizar a participação cívica e política de jovens com talento", nas palavras do diretor da Universidade de Verão do PSD, existe uma sucessão de sessões práticas, com o próprio Carlos Coelho e o especialista em comunicação Rodrigo Moita de Deus a iniciarem os trabalhos, amanhã de manhã, depois da sessão formal de abertura na véspera – com o presidente da JSD, João Pedro Louro, o coordenador dos eurodeputados sociais-democratas, Paulo Cunha, e o secretário-geral (bem como líder parlamentar) do PSD, Hugo Soares –, com o desafio "Falar claro". *Workshops* de escrita de discursos (amanhã), de sondagens e estudos de opinião (na quarta-feira) e de relações com a comunicação social (na sexta-feira), sendo esse último feito por Pedro Esteves, diretor de Comunicação do governo, conciliam-se com exercícios de grupo, entre os quais não falta a simulação de uma assembleia. Os critérios de avaliação do desempenho dos participantes são, nas palavras de Carlos Coelho, concisos e claros: "Preparação dos argumentos, seriedade das abordagens, capacidade de exposição e eficácia no debate."

Tal como em edições anteriores, o programa prevê a presença de figuras da sociedade civil. Desta vez haverá uma sessão sobre temas culturais na manhã de quinta-feira, com o maestro Rui Massena e a ex-deputada centrista Ana Rita Bessa, que é a CEO do grupo editorial Leya. Mas especialmente mediático será o jantar-conferência de sexta-feira, com Fernando Pimenta. O canoísta de Ponte de Lima, que foi medalha de prata nos Jogos Olímpicos de 2012, em Londres, obteve uma medalha de bronze oito anos mais tarde, em Tóquio, e voltou a ser finalista olímpico neste ano, em Paris, irá falar aos participantes na Universidade de Verão sobre a sua experiência.

Avançando que o critério para os convites a estas personalidades reside no "mérito pessoal e no interesse para a Universidade de Verão", Carlos Coelho realça que no caso de Fernando Pimenta, "nome que estava pensado há muito tempo", esteve em causa um convite pessoal feito por Luís Montenegro.

Adivinhem quem vem jantar no sábado antes de seguir para a Comissão Europeia...

REVELAÇÃO Escolha de Portugal para a nova equipa de Von der Leyen deverá ser a surpresa da última noite.

TEXTO **LEONARDO RALHA**

O programa da Universidade de Verão do PSD ainda tem uma incógnita na noite de sábado, véspera do encerramento desta edição, havendo a convicção de que os participantes poderão ver e ouvir a escolha do governo da Aliança Democrática para integrar a Comissão Europeia, que volta a ser presidida por Ursula von der Leyen.

O "jantar-conferência com convidado/a surpresa" ocorre na véspera do final do prazo para que os Estados-membros anunciem os nomes, e a proximidade entre a democrata-cristã alemã e Luís Montenegro – bem como o facto de quase todos os países já terem revelado as escolhas – deverá permitir que o primeiro-ministro fique dispensado da obrigação de sugerir um homem ou uma mulher, cabendo a última palavra à presidente da Comissão Europeia. Embora não haja qualquer confirmação do governo de que a Universidade de Verão terá esse interesse adicional, tal cenário é considerado provável.

Caso se confirme que o(a) sucessor(a) de Elisa Ferreira aparece para jantar em Castelo de Vide no sábado, o primeiro-ministro poderá também estar presente. Até porque Luís Montenegro está confirmado para a manhã seguinte, na sessão de encerramento, tal como o presidente da Juventude Social-Democrata, João Pedro Louro, e o diretor da Universidade de Verão do PSD, Carlos Coelho.

Com o ex-primeiro-ministro António Costa a presidir ao Conselho Europeu, é voz corrente em Bruxelas e Estrasburgo que Portugal não deverá aspirar a uma das pastas mais relevantes, como a da Coesão e Reformas, agora desempenhada por Elisa Ferreira. O governo só deverá anunciar a escolha no fim do prazo, estando entre os nomes mais falados os de Mónica Ferro (que vai debater com Nuno Severiano Teixeira na sexta-feira), Teresa Morais, Maria Luís Albuquerque e Poiares Maduro.

A possibilidade de a escolha do governo para a Comissão Europeia monopolizar atenções é algo que não preocupa Carlos Coelho. "Trabalhamos para proporcionar a 100 jovens talentosos uma semana integrada com diversas atividades e experiências. A medida do nosso sucesso é o que esses jovens podem fazer na sua intervenção na nossa sociedade. Não depende do que possa ter mais ou menos atenção da comunicação social."


RALF HIRSCHBERGER / AFP

Luís Montenegro pode apresentar sucessor(a) de Elisa Ferreira.

Atuais ministros na última vez com PSD no poder

MEMÓRIA Edição de 2015 contou com Luís Montenegro, Paulo Rangel e Nuno Melo.

TEXTO **LEONARDO RALHA**

A edição de 2015 da Universidade de Verão do PSD acabou a 30 de agosto, 35 dias antes das eleições legislativas que, apesar da vitória da coligação Portugal à Frente, ditaram o início do ciclo de governação socialista de António Costa. E no que foi, até agora, a derradeira vez em que o evento decorreu com sociais-democratas no poder participaram três homens que agora fazem parte do Conselho de Ministros.



Pedro Passos Coelho
Ex-primeiro-ministro

O líder parlamentar do PSD, Luís Montenegro, foi um dos oradores, tal como os eurodeputados Nuno Melo e Paulo Rangel. A última edição de Passos Coelho como primeiro-ministro também contou com os seus ministros Jorge Moreira da Silva, Maria Luís Albuquerque e Miguel Poiares Maduro, o ex-presidente da Comissão Europeia, Durão Barroso, e a presidente da Fundação Champalimaud, Leonor Beleza.



Pedro Ramos, Miguel Albuquerque e António Nunes são fortemente criticados pela oposição.

HOMEM DE GOUVEIA/LUSA

Madeira. Os cincos alvos acusados de "descontrolo"

INCÊNDIOS Albuquerque, Pedro Ramos, Rafaela Fernandes, Manuel Filipe e António Nunes são responsabilizados pela "desorganização" no combate aos fogos e pela falta de "prevenção". Moção de censura pode obrigar a novas eleições. Líder do Governo admite que executivo pode cair.

TEXTO **ARTUR CASSIANO**

O primeiro sinal público de desagrado interno no PSD foi verbalizado por Manuel António Correia, adversário de Miguel Albuquerque e que não foi eleito líder do PSD nas eleições de março por 392 votos , ao quarto dia do incêndio, a 17 de agosto.

A polémica era simples de perceber. Um incêndio, na fase inicial, a ser combatido por seis bombeiros [eram 16 no segundo dia] que alastrava a quatro concelhos; a recusa de Albuquerque em receber ajuda do Governo da República porque não recebia "lições"; e, claro, as férias e as fotos de do líder do Governo no descanso de uma espreguiçadeira. Não estava sozinho. Também o responsável político da proteção Civil, Pedro Ramos, desfrutava de férias em Porto Santo.

"O que temos visto é repentismo, desorganização e falta de sentido de Estado. Ao descontrolo do fogo, acrescenta-se o descontrolo do Governo Regional, o qual, ao contrário do que era seu dever, está a contribuir para aumentar o sentimento de insegurança das populações", criticou Manuel António Correia que exigiu que "quem tem responsabilidades políticas que esteja à altura das mesmas, para defesa das populações que juraram defender".

E a este desafio juntava-se uma denúncia. A delegação da Madeira do Sindicato dos Jornalistas tornou públicas "pressões e restrições" vindas do Governo regional.

O que disse Albuquerque? "O Governo trabalha em termos profissionais e não anda aqui a brincar".

Outra denúncia: jornalistas no terreno relatavam que as pessoas tinham medo de falar, de falar dos incêndios, por temerem "represálias". E muitas vezes a explicação era linear: são "funcionários públicos".

Este acumular criou "desagrado" nos sectores do PSD próximos de Manuel António Correia, mas também no dos "apoiantes" de Albuquerque. No entanto, contactados pelo DN, recusam falar. "Não é o momento", dizem alguns. Outros preferem o silêncio.

"O que está em questão não é o incêndio, o que está em questão é a ambição de certas criaturas pelo poder", conclui Albuquerque que recusa mudanças do executivo.

Os alvos e as críticas

Os nomes da "desorganização e falta de sentido de Estado" estão identificados: Miguel Albuquerque, presidente do Governo Regional; Pedro Ramos, secretário regional da Saúde e Proteção civil; Rafaela Fernandes, secretária Regional da Agricultura, Pescas e Ambiente; Manuel Filipe, presi-

dente do Instituto de Florestas e Conservação da Natureza; e António Nunes, presidente do Serviço Regional de Proteção Civil.

São estes os cinco rostos a quem os partidos da oposição, até mesmo PAN e Chega que suportam parlamentarmente o executivo – tal como o CDS, apontam responsabilidades.

Miguel Silva Gouveia, vereador do PS na câmara do Funchal, considera que o presidente do Instituto de Florestas e Conservação da Natureza e o presidente do Serviço Regional de Proteção Civil "não têm condições para continuar nos cargos. São demasiadas trapalhadas com visibilidade nacional para se fingir que tudo funcionou".

Mas não apenas. Este socialista, que não pertence à linha política de Paulo Cafôfo, também defende que o "secretário da Proteção Civil deve ser demitido" por Albuquerque. "Caso contrário", diz "todo o executivo perde as condições políticas para se manter em funções".

"A credibilidade deste Governo, que já andava pelas ruas da amargura, bateu no fundo. Já ninguém leva a sério Miguel Albuquerque e sente-se na rua um descontentamento consensual para com ele. Nem o processo judicial motivou tanta opinião negativa. Albuquerque, do alto desta soberba e arrogância, só se manterá no poder se o receio do PS, JPP e Chega em perder deputados numas novas eleições falar mais alto. No PSD Madeira muitos contam com esse receio potenciado pelos resultados das europeias para domesticar a oposição", conclui.

Carlos Pereira, antigo líder do PS Madeira, que entende úteis "todas as iniciativas políticas de avaliação de responsabilidade nos parlamentos da Madeira e da República", constata que "nos últimos 12 anos a Madeira teve cinco grandes incêndios graves", o que "não é normal e quer dizer que a prevenção falhou e tem falhado". E neste caso "se não houve responsabilidades efectivas houve muita incompetência política e demasiada soberba, o que é inaceitável".

E deixa um aviso:"Não basta as expressões mais ou menos levianas do Presidente do Governo e do seu Secretário [o da Proteção Civil]para dar por concluído este processo político".

José Manuel Rodrigues, líder do CDS Madeira, que contrariando Albuquerque quer a criação de uma comissão independente porque "há investigações a fazer, esclarecimentos a prestar e factos



PAN diz que Rafaela Fernandes (na foto), secretária do Ambiente, deve assumir as suas "responsabilidades face à perda de floresta a que assistimos".



Autarca do PS, Miguel Gouveia, diz que o presidente do Instituto de Florestas e Conservação da Natureza (na foto)"não tem condições para continuar no cargo".

que devem ser apurados", diz que "as responsabilidades políticas que eventualmente existam, serão apuradas no Parlamento" até porque, explica, o "PS apresentou uma Comissão de Inquérito de constituição obrigatória".

É também neste palco, o do Parlamento Regional, que o PCP entende que deve ser feito o apuramento de todas as responsabilidades políticas em relação à catástrofe provocada pelos incêndios". Será, diz Edgar Silva, "nesse exercício de apuramento das responsabilidades políticas que os cidadãos terão oportunidade de verificar quem defende o interesse público e quem apenas serve, a todo o custo, o regime implantado na Madeira".

Miguel Castro, líder do Chega regional, por seu lado, considera que as responsabilidades devem ser assumidas "especialmente pelos responsáveis máximos da Proteção Civil Regional e pelo presidente da gestão do ordenamento florestal e da conservação da natureza".

E se a ameaça de moção de censura do Chega se concretizar? "Lá estarei para a votar favoravelmente", garante Nuno Morna da IL. "Quem de direito que apresente uma moção de censura porque eu como deputado único não posso".

O próprio Miguel Albuquerque admite este cenário como provável. Basta que CDS e PAN ou Chega, por exemplo, recuem no atual apoio parlamentar e o Governo cairá.

"Era expectável", por isso, considera, Roberto Almada do BE, "que a oposição representada no Parlamento madeirense avançasse imediatamente com uma moção de censura ao atual governo".

"Era", sublinha, porque "estranhamente, ou talvez não, o PS e o JPP estão mais entretidos em avançarem com comissões de inquérito, cujo efeito é zero, e de onde jamais sairá qualquer condenação política a este governo, apoiado pelo Chega, PAN e CDS".

Mónica Freitas, do PAN, que garantiu juntamente com o CDS um novo governo PSD que não conseguiu maioria nas últimas eleições regionais, atira responsabilidades para uma sucessão de escolhas políticas a começar pelo próprio presidente do Governo Regional que é quem "escolhe os seus secretários/as e que por sua vez tutela as respetivas áreas".

Tradução? "Os mesmos devem fazer uma avaliação da sua forma de atuação" porque "o que falhou e falha é o trabalho de prevenção. É preciso que quem está à frente desta área tenha consciência ambiental, conhecimento técnico e assuma as suas responsabilidades face à perda de floresta a que assistimos".

"Podem averiguar o que quiserem", responde Albuquerque que reitera que todas as decisões tomadas pelo Governo foram "corretas".

Élvio Sousa do JPP (Juntos pelo Povo) e Paulo Cafôfo do PS Madeira optaram por não responder às questões do DN.

Poluição do ar acelera 6 mil mortes e custa milhões ao Estado em saúde e multas

AMBIENTE Portugal arrisca milhões de euros em multas por incumprimento sistemático de diretivas ambientais e perde, em Lisboa, 1150 euros por habitante/ano em custos com saúde e produtividade. O governo criou um grupo de trabalho para acelerar medidas atrasadas há mais de 10 anos.



Reduzir o uso do carro e fazer a transição para o transporte elétrico e público é o maior desafio para as cidades.

TEXTO **CARLA AGUIAR**



Portugal arrisca uma multa de vários milhões de euros por incumprimento sistemático da diretiva europeia sobre a qualidade do ar, o que está associado a cerca de 6 mil mortes prematuras por ano no território nacional. Em causa estão, sobretudo, Lisboa, Porto e Braga. O país já foi condenado por esta razão pelo Tribunal de Justiça da União Europeia (TJUE), em junho de 2023, por 10 anos de desconformidades persistentes e é recorrente na violação das regras. Com efeito, até há pouco tempo estavam 12 procedimentos abertos pela Comissão Europeia por incumprimentos ambientais. Isso significa que, se não forem tomadas medidas num prazo aceitável, mais tarde ou mais cedo a fatura chegará com várias coimas de largos milhões de euros. Em 2016, por exemplo, o Estado português foi condenado pelo TJUE a pagar três milhões de euros por incumprimento da diretiva de tratamento de águas residuais urbanas em várias cidades, a que acresciam oito mil euros por cada novo dia de atraso no cumprimento. E já em 2012 tinha sido sancionado em 1,9 milhões. Em causa está agora o período entre 2009 e 2018, mas com os incumprimentos a manterem-se até ao presente.

Os impactos negativos da negligência com a poluição vão, porém, muito além das multas. A poluição atmosférica é considerada pela Agência Europeia do Ambiente "o maior risco ambiental para a saúde humana", causando e agravando doença cardíaca, acidentes vasculares cerebrais (AVC), cancro do pulmão e doenças respiratórias agudas e crónicas, que originam mais de deis mil mortes prematuras por ano em Portugal. Para além deste pesado encargo, a Aliança Europeia para a Saúde Pública estimou também os custos para o Serviço Nacional de Saúde, com as admissões hospitalares, e para a produtividade. No caso português, aquela organização concluiu que o custo da má qualidade do ar é, em média, de 1150 euros por habitante/ano em Lisboa e de 950 euros por habitante/ano no Porto, representando entre 4% e 5% do Produto Interno Bruto (PIB) das cidades. Outro estudo, da Universidade Nova de Lisboa, também refere uma clara ligação entre a subida dos níveis de dióxido de azoto (NO_2) e o aumento do internamento hospitalar infantil por doenças respiratórias, avaliando o seu impacto em 800 mil euros em 2018.



Governo cria grupo de trabalho

O pior é que, a manter-se esta incapacidade nacional para aplicar as regras ambientais em matérias tão críticas para a saúde pública, "o país enfrentará sérias dificuldades para cumprir as novas metas, revistas este ano, que são bastante mais exigentes e que deverão entrar em vigor já em 2030", disse o coordenador da ZERO para o Clima, Energia e Mobilidade, Pedro Nunes, em entrevista ao DN.

Correndo contra o tempo e o prejuízo, a ministra do Ambiente e da Energia, Maria da Graça Carvalho, decidiu criar este mês um grupo de trabalho com a missão de "acelerar a implementação de medidas necessárias" e "mitigar os efeitos da exposição da população a altos níveis de dióxido de azoto", com um prazo de 18 meses para elaborar um plano de ação. "A qualidade do ar é um dos maiores desafios ambientais do nosso tempo e tem um impacto direto na saúde da população", disse a ministra.

Em causa estão os níveis máximos de NO_2 no ar, fixados em 40 microgramas por metro cúbico, que vão passar para metade já em 2030, de acordo com a diretiva agora revista. As organizações ambientalistas, como a ZERO, consideram que aqueles limites são já demasiado tolerantes, tendo em conta que "constituem o quádruplo dos parâmetros recomendados pela Organização Mundial de Saúde" (OMS). Mas a verdade é que a Avenida da Liberdade, em Lisboa, por exemplo, apresenta níveis de concentração acima do valor limite (46 microgramas) e muito distantes da nova meta a atingir em apenas seis anos (20 microgramas).

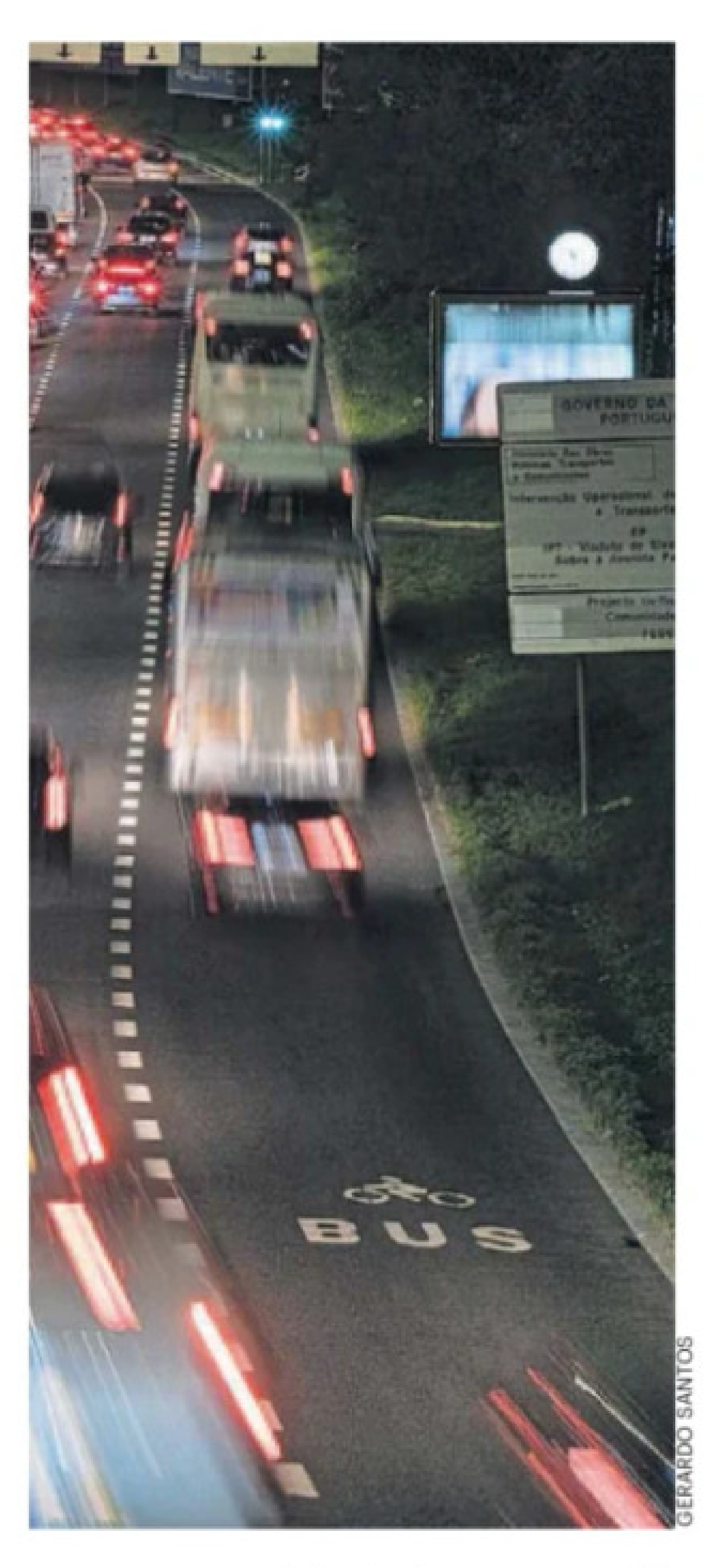
Mais zonas de emissão reduzida

O desafio é gigante e passa necessariamente pela redução massiva do uso do transporte individual e/ou sua substituição por veículos elétricos e transportes públicos pelo menos nos eixos mais problemáticos das capitais.

O executivo camarário de Lisboa quer criar mais zonas de emissões reduzidas (ZER) e anunciou a intenção de introduzir câmaras de videovigilância para fiscalizar a entrada de veículos que não respeitem as regras a partir de 2025. Essa é justamente uma das críticas apontadas pela ZERO ao executivo anterior. "Criou-se a zona de emissões reduzidas na Baixa lisboeta, restringindo a circulação a veículos anteriores a 1996 ou 2000, consoante sejam a gasóleo ou gasolina, mas ninguém cumpre e ninguém fiscaliza", diz. Por outro lado, "a própria ZERO tem critérios obsoletos, na medida em que permite veículos demasiado antigos e poluentes com quase 30 anos, o que faz com que não tenha efeitos práticos", aponta o responsável.

Outra crítica às anteriores equipas à frente do Ministério do Ambiente diz respeito à falta de um programa de execução de medidas. "A Diretiva da Qualidade do Ar estabelece que têm de existir planos para a melhoria da qualidade do ar e um programa de execução dos planos. Ora, a Comissão de Coordenação de Desenvolvimento Regional de Lisboa e Vale do Tejo (CCDR-LVT) apresentou um plano em 2019, mas cinco anos depois não tem programa de execução", observa Pedro Nunes.

A própria arquitetura do sistema de medição da qualidade do ar também é posta em causa. Em Lisboa existem apenas três estações de medição, na Avenida da Liberdade, Entrecampos e Olivais, que "são manifestamente poucas e fornecem uma fotografia incompleta da situação, também por dei-


GERARDO SANTOS

xarem de fora bairros residenciais onde vive a maior parte das pessoas". Existe uma outra rede informal de 80 sensores espalhados pela cidade, mas de "fiabilidade duvidosa, porque apresenta discrepâncias regulares com os valores apurados pelas estações de referência", diz aquele especialista.

Embora Lisboa seja uma das capitais europeias mais sujeita às partículas finas emitidas pelos navios-cruzeiro no seu todo, Portugal está entre os cinco menos poluídos, na companhia de países como a Islândia, Suécia, Irlanda, Noruega ou Dinamarca. Mas de acordo com o novo *Relatório Mundial da Qualidade do Ar*, da IQAir, apenas sete países do mundo atingiram níveis seguros de poluição atmosférica em 2023. Em 134 países, 124 violaram os níveis seguros de PM2,5 (partículas finas), de acordo com as diretrizes da OMS. Estas partículas microscópicas, com menos de 2,5 mícrones de diâmetro, podem ser inaladas para o interior dos pulmões e até chegar à corrente sanguínea. Têm sido associadas a doenças cardíacas e pulmonares, tensão arterial elevada, aumento do risco de asma, depressão, ansiedade e morte prematura.

"O espaço tornou-se um domínio económico"

SUPERIOR Engenharia Aeroespacial foi o curso com nota de entrada mais alta. Há mercado para estes alunos, cá e fora do país.

TEXTO **ISABEL LARANJO**

Na primeira fase de acesso ao ensino superior a nota mais alta registou-se no curso de Engenharia Aeroespacial da Universidade do Porto. O último dos 30 alunos colocados neste curso entrou com média de 194,5 valores. Notas estratosféricas para os engenheiros do futuro. O engenheiro Ricardo Conde, presidente da Agência Espacial Portuguesa (AEP), diz ao DN que os alunos que se sentem atraídos pelo curso também já perceberam que este lhes garante empregabilidade, mesmo que nem todos acabem a desenhar foguetões ou satélites espaciais. "Isto não significa que todos os alunos vão trabalhar no setor espacial. Agora, só para lhe dar um exemplo, por ano talvez tenhamos uns 230 alunos formados. Muitos deles trabalham em áreas conexas da engenharia." Até porque, explica o presidente da AEP, "a engenharia aeroespacial não é mais do que uma evolução muito específica de áreas como a mecânica, a física, a engenharia eletrotécnica. Eu, por exemplo, sou engenheiro eletrotécnico", exemplifica. "As engenharias sempre foram dominadas por estas engenharias clássicas. Houve foi uma especialização."

Os novos engenheiros aeroespaciais que saem das universidades têm mercado de trabalho não só em Portugal, como fora do país. "O nosso domínio de ação, em Portugal, é o mundo e, em particular, a Europa. Portugal é parte da Europa e, assim como há alunos nossos que depois vão para fora trabalhar, também há muita gente, de outros países, que escolhe Portugal."

Ainda assim, reconhece Ricardo Conde, existe "uma taxa de retenção baixa, ou seja, significa que muitos alunos, de facto, vão para fora e não regressam". E vê o copo meio cheio: "É bom ir para fora. É bom trabalhar em ambientes multinacionais, em ambientes com outras culturas, criar currículo, criar especialização, e depois, eventualmente mais tarde, voltar para Portugal."

Ricardo Conde afiança que "o espaço tornou-se um domínio económico" e que em Portugal "há cada vez mais empresas, que são empresas de nicho. É bom ter experiência numa multinacional, mas as pessoas não ficam muito tempo nas multinacionais. Há uma circulação muito grande neste momento. Inclusive em Portugal, há empresas muito pequenas que são extremamente atrativas", afiança. "Quando digo pequenas, são empresas que têm 40, 50, 60 pessoas. E que empregam, posso dizer, aproximadamente 1800 profissionais. Isto é um número considerável na média europeia."

Ao mesmo tempo, Ricardo Conde dá conta de que o nosso país tem vindo a "atrair muitas empresas". "Posso dizer que duplicou o número de empresas que atraímos nos últimos cinco anos, foi impressionante." E dá exemplos: "Temos nomes sonantes: a Airbus, a Beyond Gravity, a RFA, a OHB. Temos estas empresas que se estabeleceram em Portugal, portanto o nosso país também é atrativo nesse aspeto", avança. Ao mesmo tempo, dado o grau de excelência dos alunos, apela ao "empreendedorismo". "Se estivéssemos nos Estados Unidos, a pergunta que um estudante faz quando acaba o curso é: 'como é que eu vou criar o meu negócio?'. Na Europa ainda é muito: 'onde é que eu vou trabalhar?'. Tem de haver uma mudança nesse sentido, temos de mudar essa cultura e ser mais empreendedores."

O presidente da EPA exemplifica vários negócios que estes futuros engenheiros aeroespaciais podem montar: "Estamos a falar nas engenharias em particular, na propulsão, na exploração espacial, na medicina espacial, nas questões do direito espacial, fazer satélites, sensores, telecomunicações. Tudo aquilo a que hoje chamamos New Space Economy, a economia do novo espaço. Quem tiver uma boa ideia e quiser criar o seu próprio negócio, hoje é muitíssimo mais fácil do que no passado. Há muitos mecanismos de apoio. Nunca houve tantos instrumentos para apoiar o empreendedorismo na Europa", conclui.

A 2.ª fase de acesso ao ensino superior arranca hoje, com 4996 vagas para preencher (o número mais baixo desde 1999).

isabel.laranjo@dn.pt

Balanço da 1.ª fase de acesso

Colocação Quase 50 mil alunos conseguiram colocação na 1.ª fase do Concurso Nacional de Acesso ao Ensino Superior, número que representa um aumento em relação ao ano passado, ficando de fora apenas 14,3% dos candidatos. 28 mil alunos conseguiram ser colocados na sua primeira opção (56,1%) e 87,8% numa das três primeiras opções.

Politécnicos Os institutos superiores politécnicos destacam o facto de 20 mil alunos terem escolhido estas instituições para prosseguirem os estudos, embora com um crescimento de apenas 1% relativamente ao ano passado.

Vagas Os 21 cursos de Educação Básica, que se destinam a formação de professores, esgotaram as quase mil vagas disponíveis na 1.ª fase do Concurso Nacional de Acesso ao Ensino Superior.


CARLOS CARNEIRO/GLOBAL IMAGENS

Universitários criaram, em 2023, um foguete com o apoio da Agência Espacial Portuguesa.

Como a perda de audição e de visão aumenta o risco de demência

SAÚDE Nos adultos mais velhos, mesmo uma deficiência ligeira pode afetar o cérebro. Mas há formas simples de reduzir os danos.

TEXTO **DANA G. SMITH** - THE NEW YORK TIMES



Os adultos com mais de 65 anos que sofrem de perda de visão têm um risco quase 50% superior de desenvolver demência. Se esses problemas de visão forem corrigidos, esse risco diminui drasticamente.

As conclusões fazem parte de um relatório publicado este mês por uma comissão internacional dedicada à prevenção da demência, que acrescentou a deficiência visual à sua lista de 14 fatores de risco modificáveis para a demência. Outros fatores de risco incluem o tabagismo, a diabetes, o isolamento social e a hipertensão.

Os especialistas afirmam que a inclusão da perda de visão não é uma surpresa, sobretudo tendo em conta que outra deficiência sensorial – a perda de audição – tem sido associada à demência e também consta da lista.

Eis o que sabemos sobre a forma como mesmo as deficiências visuais e auditivas ligeiras a moderadas aumentam o risco de demência e o que fazer para o evitar.

Como a perda sensorial pode contribuir para a demência

As pessoas com perda sensorial têm menos estímulos a entrar no seu cérebro. O tecido cerebral é do tipo "use-o ou perca-o", pelo que uma menor estimulação pode levar a uma maior atrofia, afirma Gill Livingston, professor de Psiquiatria na University College London, que liderou a comissão de prevenção da demência.

A área do cérebro que processa a informação auditiva está próxima da região mais afetada pela doença de Alzheimer, o que sugere a existência de uma ligação anatómica. A informação visual é enviada para outra parte do cérebro, mas a forma como utilizamos essa informação ativa muitas regiões diferentes.

"À medida que se reduz a ativação de certas áreas do cérebro, as taxas de atrofia são mais rápidas", afirma Frank Lin, professor de Otorrinolaringologia na Faculdade de Medicina da Universidade Johns Hopkins. "O que, como pode imaginar, tem efeitos em cascata noutras áreas da função e estrutura cerebral."

Além disso, as pessoas que sofrem de perda sensorial na idade adulta tendem a retrair-se e a não se envolver tanto socialmente. Há provas que sugerem que a solidão pode alterar fisicamente o cérebro de uma pessoa e é um fator de risco conhecido para a demência.

> Os aparelhos auditivos podem ajudar e parecem reduzir a probabilidade de desenvolver demência. As pessoas com perda auditiva corrigida têm um risco quase 20% menor de declínio cognitivo do que as pessoas com perda auditiva não corrigida.

"A perda de visão impede-nos de ir a uma festa", conclui Natalie Phillips, professora de Psicologia na Universidade Concordia, em Montreal. "A perda de audição significa que se vai à festa mas fica-se sentado num canto e não se fala com ninguém."

A perda de audição e de visão pode também acelerar os sintomas em pessoas que se encontram nas fases iniciais de demência. É necessária mais energia cerebral para dar sentido a uma visão desfocada ou a sons distorcidos, pelo que podem restar menos recursos para a memória e cognição quotidianas. Isto pode levar a que os sintomas de demência apareçam mais rapidamente se as pessoas já estiverem a desenvolver a doença, disse Livingston.

Investigações da última década mostram que há benefícios cognitivos em lidar com as perdas de visão e audição relacionadas com a idade.

Perda de visão

Vários estudos revelaram que indivíduos com algumas das causas mais comuns de perda de visão relacionada com a idade, incluindo cataratas, retinopatia diabética e degeneração macular, têm um risco acrescido de declínio cognitivo e demência.

"Estamos a falar de perda visual não corrigida, ou seja, o quanto não se consegue ver", informa Livingston. A magnitude da perda de visão corresponde ao aumento do risco, acrescenta.

Embora nem todas estas doenças oculares possam ser revertidas, quando são tratadas e a visão é restaurada o risco de demência diminui. Da mesma forma, Livingston vinca que as pessoas que sofrem de miopia ou hipermetropia não tratada também podem estar em maior risco, mas não aquelas que usam óculos ou lentes de contacto para corrigir a visão.

Para corroborar este facto, um dos estudos referidos no relatório da comissão concluiu que os adultos com 65 ou mais anos que foram submetidos a uma cirurgia às cataratas para corrigir a visão tinham um risco cerca de 30% inferior de desenvolver demência em comparação com os adultos mais velhos com cataratas que não foram submetidos a essa cirurgia.

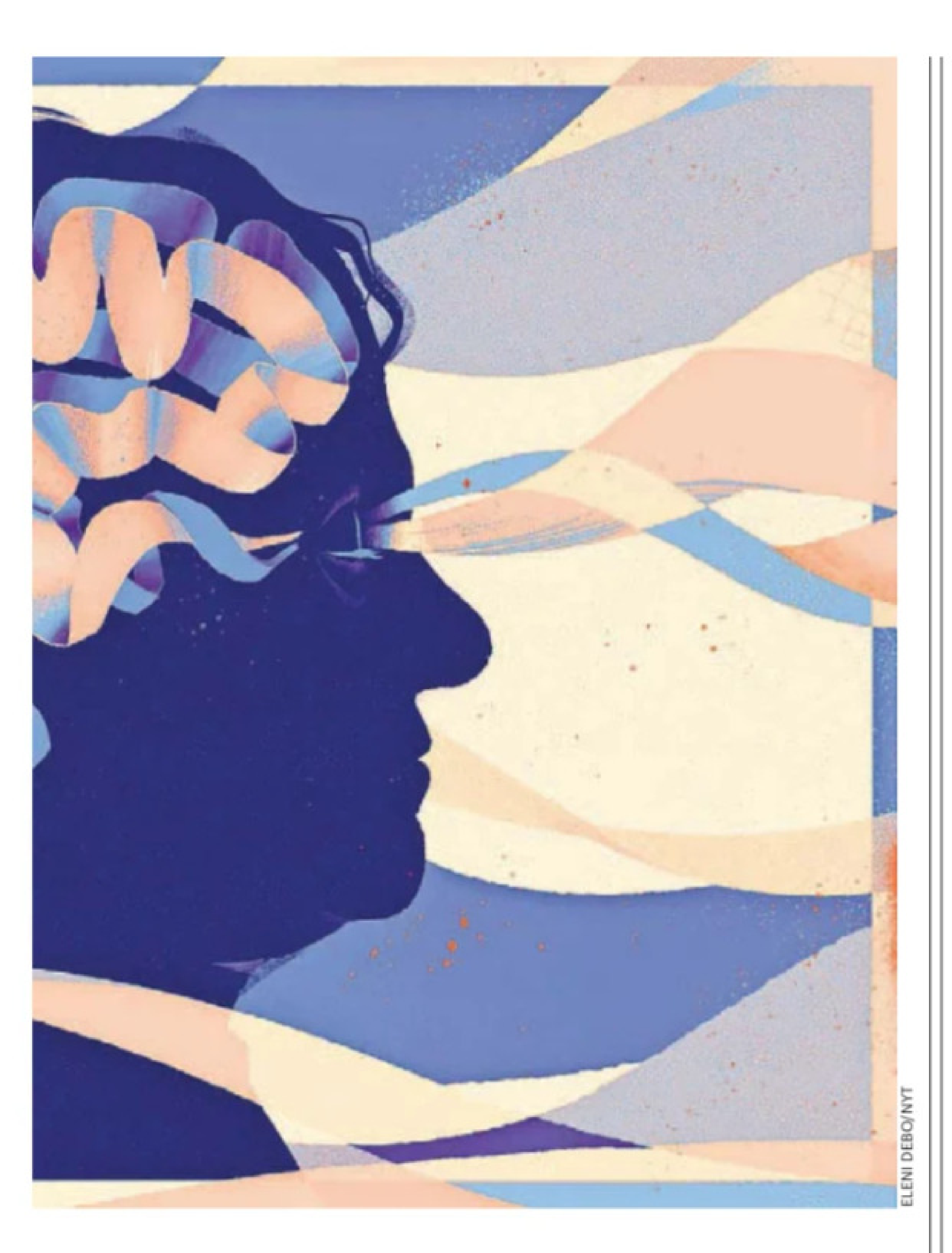
Identificar um novo fator de risco para a demência é empolgante, "mas ficamos ainda mais entusiasmados se esse risco for modificável", acentua Cecilia Lee, professora de Oftalmologia na Faculdade de Medicina da Universidade de Washington, que liderou o estudo das cataratas.

Perda de audição

A perda auditiva não corrigida também acarreta um risco significativo de demência. O relatório da comissão, que reúne vários estudos, revelou que as pessoas com perda auditiva têm um risco 37% maior de desenvolver demência. Quanto mais grave for a perda auditiva, maior é o risco.

Estima-se que 63% dos adultos com mais de 70 anos têm algum grau de perda auditiva clinicamente significativa. "Não estamos a falar de uma pequena parte da população", garante Lin. "É quase a maioria dos adultos mais velhos."

A audição deteriora-se naturalmente a partir do início da idade adulta, embora o declínio de algumas pessoas seja mais rápido do que o de outras devido à genética ou à exposição a ruídos altos, segundo Lin. Com uma perda de audição ligeira, as pessoas têm dificuldade em ouvir sons abaixo dos 26 decibéis – aproximadamente o nível de um sussurro. A perda auditiva moderada começa nos 41 decibéis e pode dificultar a audição de con-


ELENI DEBO/NYT

versas normais. Os aparelhos auditivos podem ajudar e parecem reduzir a probabilidade de desenvolver demência. Os indivíduos com perda auditiva corrigida têm um risco quase 20% menor de declínio cognitivo do que os com perda auditiva não corrigida. E um ensaio clínico publicado no ano passado revelou que, entre as pessoas com maior risco de declínio cognitivo devido à idade ou a outros problemas de saúde, as que usaram aparelhos auditivos durante três anos tiveram um declínio cognitivo significativamente menor em comparação com as que não os usaram. "Não estamos a assistir a uma melhoria por si só, mas estamos a assistir a uma redução do declínio", afirma James Russell Pike, um investigador da NYU Langone Health que colaborou com Lin no estudo.

O que fazer se estiver preocupado

O primeiro passo é fazer exames. Para avaliar a sua saúde ocular, marque uma consulta com um oftalmologista e faça um exame ocular dilatado uma vez por ano, aconselha Lee.

Para fazer um teste de audição pode consultar um audiologista ou um especialista em ouvidos, nariz e garganta. Ou, se quiser fazê-lo em casa, Lin diz que as aplicações de teste auditivo gratuitas, como a Mimi, tendem a fornecer resultados exatos.

Se tiver uma perda de audição ou de visão, trate-a o mais rapidamente possível. Algumas doenças oculares, como as cataratas, podem exigir cirurgia, mas o procedimento é relativamente rápido e não invasivo. A correção da perda de audição é ainda mais fácil, uma vez que os aparelhos auditivos estão disponíveis sem receita médica.

A resolução destes problemas não só reduz o risco de demência como também melhora a vida quotidiana, segundo Phillips. "A vantagem de resolver o problema para a qualidade de vida e envolvimento é que não há nada a perder."

Este artigo foi originalmente publicado no jornal The New York Times.



Opinião
Nuno Marques

Planear a saúde no verão algarvio ou acreditar na sorte?

A região do Algarve no verão possui um incremento muito significativo de população, resultado do turismo – o principal motor da economia regional e nacional. O acréscimo de população implica um acréscimo de necessidade de resposta no setor da saúde, garantindo a segurança adequada na resposta ao nível dos cuidados à população residente e a todos os que visitam a região.

O Serviço Nacional de Saúde (SNS) na região do Algarve possui, desde há vários anos, com agudização desde 2020, dificuldades em garantir a manutenção da resposta adequada, com encerramento de urgências ou constrangimentos nas mesmas. Esta situação é causada por vários fatores que levam a uma reduzida capacidade de captação dos profissionais de saúde, em especial médicos. Tendo em conta que o verão é o período predileto para gozo de férias, as complicações que vemos em todo o país possuem ainda um potencial impacto maior na região do Algarve.

A liderança da saúde regional está nas mãos da ULS do Algarve, mas será que os algarvios e todos os que visitam a região podem estar descansados este ano? Podemos todos esperar que sim, acreditando na capacidade dos profissionais de saúde, que todos os dias dão o seu máximo, e um pouco mais, para tapar buracos em escalas e responder às necessidades.

Contudo, factualmente, não sabemos se podemos estar descansados, uma vez que não foi apresentado publicamente nenhum plano de verão para a saúde na região do Algarve e as declarações públicas de alguns profissionais da própria ULS confirmam que desconhecem qualquer plano.

Quer isto dizer que não se vislumbra qualquer solução por quem lidera as instituições da região para esta situação.

Todos conhecemos os problemas, mas onde estão as soluções? Onde está o planeamento que permita às pessoas obter garantias de resposta atempada e adequada para as suas situações de saúde? Estamos perante uma gestão semana a semana, sem planeamento e opções que possam ser acionadas com facilidade, ou numa gestão quase dia a dia, sem qualquer planeamento?

Há muito que defendo que o planeamento eficaz, a identificação atempada de soluções e o estabelecimento de parcerias entre o SNS e os restantes parceiros da região podem responder às necessidades das pessoas que estão no Algarve. Será assim tão difícil a elaboração de um plano com as soluções identificadas e com a capacidade de resposta devidamente publicada e acessível a todos?

Não podemos estar sempre a colocar o ónus no governo ou na direção executiva do SNS, cabe a quem está a liderar na região do Algarve a elaboração dos planos de atuação, que deverão ser atempadamente propostos ao governo, e que deverão definir quais as medidas implementadas, quais os resultados esperados e, acima de tudo, onde poderão recorrer as pessoas em cada circunstância.

> "As complicações que vemos em todo o país possuem ainda um potencial impacto maior na região do Algarve.

Esta publicação atempada para a resposta de saúde na região permite identificar os constrangimentos existentes, envolver os profissionais da instituição na procura de soluções para os constrangimentos, identificar as necessidades a solucionar pela Direção Executiva do SNS e pelo Ministério da Saúde, identificar as necessidades de complementaridade com os parceiros do setor privado da região, estabelecer os acordos e planear os cuidados de forma a garantir a maximização da capacidade de resposta e possuir planos alternativos pensados para as eventualidades de última hora para a prestação de cuidados.

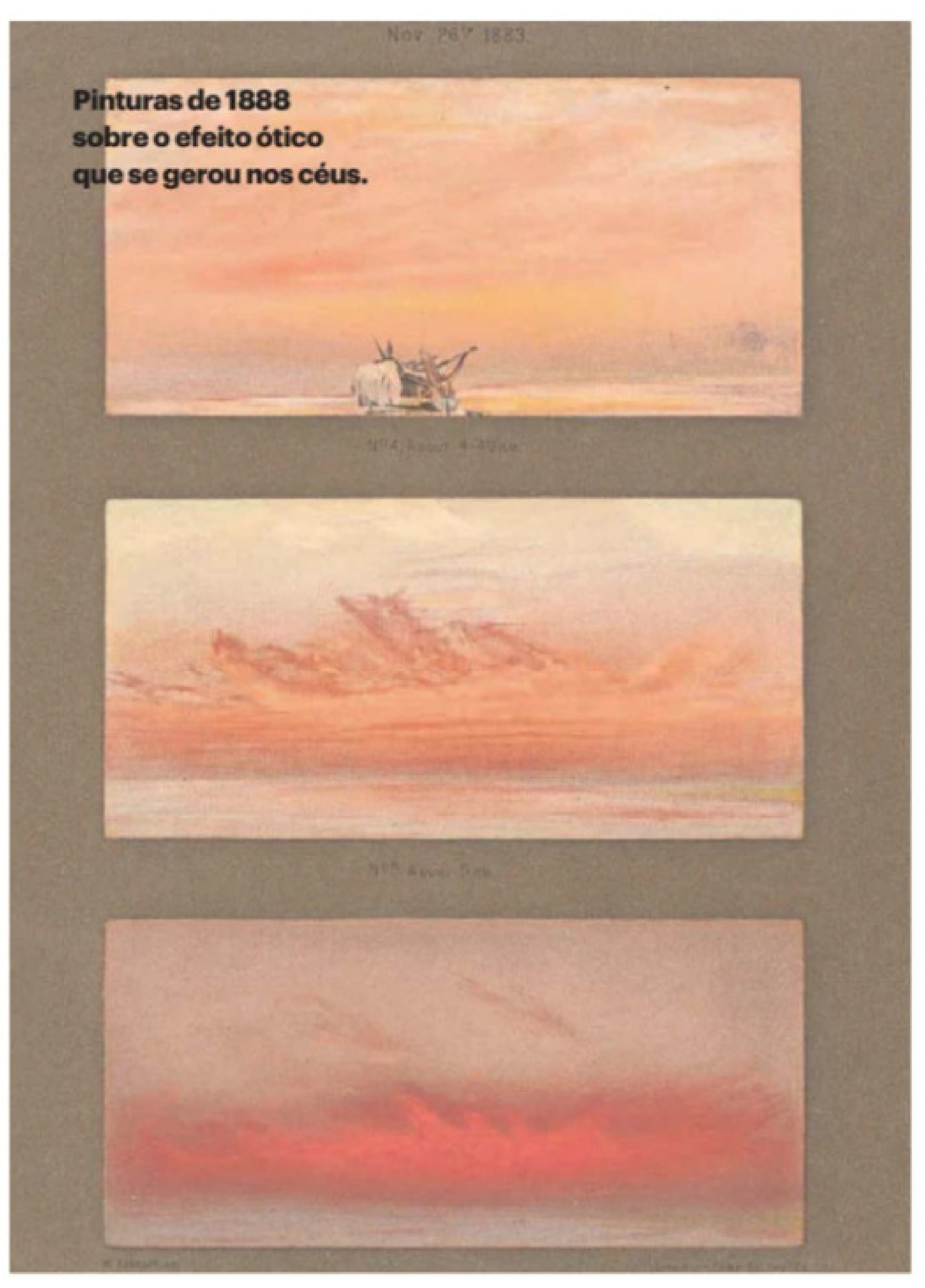
Acresce-se ainda o mais importante de tudo: dar garantias confiáveis à população na capacidade de resposta existente em cada momento e nas soluções definidas e previstas para as eventualidades de uma época com grande pressão como é o verão. A transparência através da publicação e apresentação pública do que está previsto é essencial para garantir essa confiança.

No Algarve, os profissionais de saúde merecem aplausos diários pela forma abnegada e dedicada com que trabalham, essa garantia existe!

Na saúde do Algarve é possível fazer muito melhor, os algarvios e quem nos visita merecem muito mais e melhores cuidados de saúde! Basta-nos acreditar!

Médico cardiologista.


A erupção do Krakatoa, em 1883.


Pinturas de 1888 sobre o efeito ótico que se gerou nos céus.

Do horror de Krakatoa nasceram magníficos céus

CIÊNCIA *VINTAGE* A noite de 26 para 27 de agosto de 1883 trouxe sobressalto ao mundo. A explosão do vulcão Krakatoa, no Índico, alterou durante meses os céus globais. Oportunidade para tirar do anonimato um clérigo havaiano e também a arte de representar o firmamento.

TEXTO **JORGE ANDRADE**

Numa primeira observação, assemelham-se a enxames de ínfimas criaturas captadas pelo 'olho' de um microscópio vitoriano. As placas à guarda da londrina Royal Society integram, desde os anos de 1880, o acervo da instituição. Com o amparo da tecnologia do século XXI, a viagem virtual ao *site* da casa fundada em 1660 informa-nos que os exemplares microscópicos em mostra, seis no total, provêm do oceano Índico. Mais acrescenta que podemos adquirir uma litografia com a reprodução deste exemplar da ciência do século XIX. Na realidade, o sexteto de amostras oferece-nos uma visão microscópica sobre um brutal evento natural. O que vemos ampliadas são estruturas geológicas aprisionadas em secções transversais da lava expelida pelo vulcão Krakatoa. Nos anos de 1880, a Royal Society lançou uma empresa à escala mundial. Chamou-lhe Comité Especial para Recolher Testemunhos de Krakatoa. Na época, o mundo recuperava do sobressalto da noite de 26 para 27 de agosto de 1883, quando o âmago da Terra, no estreito de Sunda, entre as ilhas de Sumatra e Java, pertencentes às Índias Orientais Holandesas (hoje Indonésia), produziu um cataclismo de dimensão global.

A erupção do Krakatoa resultou num estampido discernível na índica ilha Rodrigues, a quase 5000 km de distância. A erupção elevou nos céus, a 27 km de altitude, uma coluna de cinzas, expeliu material piroclástico, arremessou a dezenas de quilómetros fragmentos de pedra-pomes. Uma parede de água cavalgou todo o oceano Índico, o oceano Pacífico e agitou os litorais do Canal da Mancha. A onda de pressão acústica resultante da explosão final do Krakatoa circulou três vezes à volta do globo e no final do evento sobrava o vazio, onde antes imperava uma montanha de 882 metros. Contaram-se perto de 36 mil mortes. Nos céus um manto de poeiras atmosféricas com dióxido de enxofre, combinado com vapor de água, gerando gotículas de ácido sulfúrico, que se alastraram das latitudes tropicais para as latitudes médias e polares. A Terra assistia aos mais magníficos pores do sol presenciados por olho humano. A tragédia que arrefeceu em perto de 1ºC a temperatura global (designado inverno vulcânico) trouxe a oportunidade a um clérigo, também cientista, de deixar testemunho futuro no estudo da ciência atmosférica.

Nascido em 1827 no reino do Havai, então governado por Kamehameha III, Sereno Edwards Bishop afadigava-se entre a sua agenda eclesiástica, política e científica. Defensor da anexação das ilhas havaianas pelos Estados Unidos (o que aconteceria em 1898), Bishop, filho de missionários americanos, ligou-se à fação política que derrubou a monarquia. No campo da ciência, Edwards levou a sua verve ao jornal *The Hawaiian Stare* ali discorria sobre vulcões e manchas solares. Também na imprensa deu mundo ao fenómeno que observou nos céus havaianos semanas após a explosão do Krakatoa. A 5 de setembro de 1883, o cientista percebeu um halo difuso em torno do Sol e descreveu-o com pormenor: um anel de borda interna esbranquiçada e com a parte exterior a raiar os vermelhos e roxos. Sereno fez a associação entre o halo solar e o tumulto atmosférico decorrente da explosão do Krakatoa. O também designado "anel de bispo" seria detalhado num outro contexto e continente. Em 1886, a tese de doutoramento do meteorologista suíço Albert Riggenbach aprofundou o fenómeno atmosférico. Aquele que foi coautor de um dos primeiros atlas de nuvens, em 1896, e fotógrafo pioneiro ao serviço da meteorológica (captou as primeiras imagens de nuvens Cirros), descreveu as circunstâncias para a ocorrência de halos solares, tratando-se de um fenómeno ótico causado pela dispersão da luz solar nas partículas de aerossóis e cinzas vulcânicas na atmosfera. Estas partículas, ao serem expelidas pelas erupções, podem refletir e refratar a luz, criando um anel luminoso em torno do Sol semelhante a um arco-íris circular.

Se a ciência encontrou uma explicação para os halos solares e a sua ligação à atividade vulcânica, a arte deu-lhes forma nas aguarelas do etnógrafo, geógrafo, viajante e pintor alemão Eduard Pechuël-Loesche. Halos solares, crepúsculos de tons oníricos e outras manifestações óticas mereceram a arte de Eduard. Aguarelas que encontraram o livro de 1888 do físico alemão Johann Kiessling. *Estudo sobre fenómenos crepusculares para explicar a perturbação ótica-atmosférica observada após a erupção de Krakatoa* tem uma extensão de título proporcional à dimensão do trabalho de Pechuël-Loesche, multiplicado em dezenas de pinturas. Um afã na fixação daqueles céus multicoloridos que também tomou de febre criativa o britânico William Ascroft, que a partir de Chelsea esboçou a pastel milhares de céus. O pintor, nascido em 1832, trabalhava então para o comité instituído pela Royal Society. A arte fixava um céu sintetizado na verve do poeta britânico Gerard Manley Hopkins no artigo que escreveu para a revista *Nature* em 1884: "Acima do verde surgiu um brilho vermelho, mais amplo e robusto; era suavemente tigrado. Nas listas, a cor era mais rosada e nos canais onde o azul do céu brilhava espreitava a cor malva. Acima de tudo isto bailava um vago lilás."

Questionário de Proust do ChatGPT

Pedimos ao ChatGPT "faz-nos um questionário de Proust para podermos publicar no nosso jornal". Só que o que ele nos apresentou era muito semelhante ao original, de Proust. Então pedimos: "dá-nos um mais divertido". E o resultado foi este.

Miguel Teixeira *Chef* do restaurante Erva, em Lisboa

"Se pudesse, avançava 200 anos... Tenho alguma curiosidade em saber o que isto vai dar"

Se pudesse ter um qualquer superpoder, qual escolheria e porquê?
O superpoder de transformar pessoas tóxicas e negativas em pessoas positivas e que ajudassem o mundo.

Qual o seu filme ou série de TV favorito para assistir numa maratona?
Road Runner.

Qual a comida mais estranha que já experimentou?
Leite de camelo acabado de retirar do animal em Omã.

Se pudesse viajar para qualquer lugar no tempo, para onde e quando iria?
Avançava 200 anos… Tenho alguma curiosidade em saber o que isto vai dar.

Se fosse uma personagem de desenho animado, quem seria?
Podem ser dois? O Tom & Jerry. Quando era novo, eu e a minha irmã parecíamos o Tom & Jerry.

Qual foi a dança mais embaraçosa que já fez?
A dança da chuva.

Se pudesse trocar de vida com qualquer pessoa por um dia, quem escolheria?
Vladimir Putin. Assim, nesse dia acabava com a guerra.

Qual a música que sempre o faz dançar, não importa onde esteja?
Meu Nome É Rebeca. *Private joke* com a minha família.

Se tivesse que viver num filme, qual escolheria e por quê?
O *Rei Leão*. Adoro animais e respeito-os imenso. Merecem mais o nosso respeito do que muitas pessoas.



Qual foi o presente mais estranho ou engraçado que já recebeu?
Meias nos Natais em família. Quem nunca recebeu um belo par de meias?

Se fosse um animal, qual seria e porquê?
Um felino. Podem escolher, todos eles são fascinantes. Fizemos um safari em 2023 e fiquei absolutamente deslumbrado por vê-los no seu dia a dia, na liberdade do seu *habitat*.

Qual a sobremesa favorita que nunca recusaria?
O arroz-doce da minha mãe e agora também o da minha sogra.

Se pudesse criar um feriado, qual seria e como seria comemorado?
Era o feriado das segundas-feiras. Ninguém gosta das segundas-feiras… Ia ser uma festa pegada. O problema é que depois passavam a não gostar das terças.

Qual o seu *hobby* mais estranho ou incomum?
Aproveitar a vida como se não houvesse amanhã.

Se pudesse ter qualquer celebridade como seu melhor amigo, quem escolheria?
Já tenho, o meu pai e a minha mãe, são as minhas celebridades preferidas.

Qual a piada mais engraçada que conhece?
Está-me a dar um AVC… calma… não tem nada de mal, mas infelizmente não posso explicar aqui porque pode haver pessoas sensíveis na audiência.

Se pudesse falar com qualquer animal, qual seria e o que perguntaria?
Com os meus cães. Falo imenso com eles mas eles não me respondem…

Qual o seu talento oculto que poucas pessoas conhecem?
Ser uma mais-valia. Apenas alguns vão entender, encaixa na perfeição, poucas pessoas conhecem.

Se fosse uma cor, qual seria e porquê?
O azul. Adoro o verão, o céu azul e o mar.

Qual a palavra que mais gosta de dizer e porquê?
"Bom-dia", porque faço questão de cumprimentar e dar um bom-dia cheio de boa disposição todas as manhãs.



Se pudesse inventar qualquer coisa, o que seria?
Uma máquina caseira para fazer dinheiro, para acabar com a pobreza extrema que se vê um pouco por todo mundo.

Qual a coisa mais ridícula que já comprou?
Um pente. Para quê se uso o cabelo rapado?

Se tivesse que comer apenas uma comida para o resto da vida, qual seria?
Comida boa. A única coisa a que sou alérgico é a comida sem qualidade e sem sabor.

Qual a sua memória de infância mais engraçada?
As férias de verão com a família e o casal amigo dos meus pais que também tinha dois filhos.

Se fosse um meme, qual seria?
Leve um, pague dois.

Qual seria o título da sua autobiografia?
Aproveita a vida, porque a vida são dois dias e um já passou.

Se pudesse ser um personagem de videojogo, quem seria?
O Pac-Man. Comia, comia e não engordava.

Qual o seu trocadilho ou piada favorito?
"O minipão tem preço?" Passo a explicar: há alguns anos estávamos à porta do Minipreço, em Góis, aquando da concentração *motard*, e aqui "o menino" sai-se com esta, em vez de dizer "o Minipreço tem pão?" saiu aquilo. É o meu próprio trocadilho.

Se pudesse ser invisível por um dia, o que faria?
Ui, ui… Ia brincar e chatear, no bom sentido, os meus amigos. Adoro brincar e "meter-me" sobretudo com as pessoas de quem gosto. Dizem que sou mesmo "pica-miolos".

Qual a coisa mais inesperada que aprendeu recentemente?
Como é difícil e trabalhoso construir uma casa. Pagar, esperar, pagar, esperar, pagar e esperar… Basicamente é isto.

Brasileiro cria escola profissionalizante para imigrantes

EMPREENDEDORISMO O jovem Higor Cerqueira chegou em Portugal há oito anos e, desde então, cria em Portugal aquilo que não encontrou quando chegou. A nova empreitada é a escola Prepara Portugal, direcionada aos imigrantes e com a flexibilidade que esse público exige.

TEXTO **AMANDA LIMA**



Higor mora no Porto e está lançando uma escola no país.

LEONARDO NEGRÃO

Há dois anos, o brasileiro Higor Cerqueira, morador do Porto, teve uma ideia ousada: abrir uma escola profissionalizante para imigrantes que vivem em Portugal. Não foi a primeira vez que o jovem de 29 anos tinha objetivos altos.

O carioca chegou ao país há oito anos para estudar e criou aquilo que sentiu falta ao mudar de país: uma plataforma com informações confiáveis sobre as universidades e institutos politécnicos em Portugal. "Eu criei aquilo que eu senti falta no meu processo de mudança enquanto estudante", conta ao DN Brasil.

A ideia deu certo e hoje a marca Estude em Portugal está consolidada, com 12 funcionários e ajudando milhares de brasileiros e brasileiras a estudar no país, como Higor fez. Agora, a educação continua no centro do novo projeto do jovem empresário, mas de forma ainda mais ambiciosa, com a criação da Prepara Portugal, uma escola profissionalizante voltada aos imigrantes, especialmente brasileiros.

O objetivo é responder à crescente demanda por uma formação de qualidade que atenda às necessidades específicas da comunidade imigrante em Portugal. "É um novo nível depois de oito anos de experiência. Depois de oito anos de bagagem, de muita responsabilidade e comprometimento, de ter a certeza que as pessoas que foram acompanhadas anteriormente pelo Estúdio Portugal e hoje podem ser acompanhadas pela Escola Prepara Portugal", analisa. Depois de dois anos de planejamento, certificações necessárias e muita burocracia a escola técnica é uma realidade e acaba de ser lançada.

> "É muito bom você ser abraçado por um compatriota quando você está fora do seu país de origem", explica o imigrante.

As inscrições já estão abertas para quatro cursos profissionalizantes: Análise de Dados e TI aplicado a gestão, Literacia Financeira e noções básicas de contabilidade, Marketing Digital e Planejamento Estratégico e Venda, Gestão de pessoas e equipe. Em breve serão abertas as primeiras vagas para outras duas formações, *Design Thinking* e desenvolvimento de novos produtos e Tratamentos de Estética, Spa e bem-estar corporal. As aulas serão híbridas, *online* e presenciais em Braga, Lisboa e Porto. Segundo Higor, uma das flexibilidades é que o estudante pode escolher o dia da aula presencial. "A gente entende, como imigrantes que somos, que precisamos trabalhar, por isso é fundamental ter o curso nos horários pós-laborais", destaca o jovem.

Segundo Higor, além da flexibilidade nos horários de aprendizagem, todos os detalhes foram pensados para os imigrantes, como as aulas serem em português do Brasil e a maior parte dos professores brasileiros. "É muito bom você ser abraçado por um compatriota quando você está fora do seu país de origem", explica o imigrante. Os cursos possuem duração de 15 meses e são todos certificados pelas autoridades portuguesas.

As formações podem, inclusive, ser uma forma de pedir visto de estudo ou regularização no país, através do artigo 122 da Lei dos Estrangeiros. Apesar de voltada ao público falante de língua portuguesa, serão preparados cursos em inglês, com legendas em árabe e francês. "Será muito legal abraçar essa comunidade imigrante também, vamos criar esse processo", destaca.

A Prepara Portugal também terá workshops voltados ao empreendedorismo. O brasileiro ressalta que a profissionalização é uma ferramenta de empoderamento para o imigrante, como forma de buscar novas oportunidades de trabalho ou mesmo abrindo o próprio negócio. "É ver o copo meio cheio. Em vez de falar que o copo está meio vazio. Em vez de falar que só tem trabalho na restauração, mas você pode se qualificar pra trabalhar na restauração também, sendo o dono do próprio restaurante, já pensou?", questiona.

Os workshops vão abordar temas como a busca por financiamentos nacionais e europeus, busca por mão de obra qualificada, entre outros, como forma de encorajar e qualificar imigrantes empreendedores . Higor pontua ao DN Brasil que se sente "muito orgulho" em criar a escola. "Eu me sinto muito orgulhoso, porque é de imigrante para imigrante", argumenta.

Mais informações sobre a escola podem ser obtidas no site www.prepararportugal.com ou através do e-mail atendimento@prepararportugal.com. Há também uma central de atendimento pelo WhatsApp 920 419 697.

amanda.lima@dn.pt



O Bruxo na Amadora.


Adeptos em dia de festa.


Mestre sala e porta bandeira.

Ronaldinho proporciona domingo de futebol brasileiro em Lisboa

JOGO DOS FAMOSOS Amistoso beneficente entre amigos do *Bruxo* e do português Ricardo Quaresma leva multidão ao Estádio José Gomes. No placar, Portugal levou a melhor.

TEXTO **AMANDA LIMA E NUNO TIBIRIÇÁ** FOTOS **ÁLVARO ISIDORO**

Na entrada do estádio José Gomes, casa do Estrela da Amadora, o carioca Márcio Silva vende bandeiras e faixas de time. Poderia ser só um domingo de futebol normal, mas as faixas à venda não eram de equipes portuguesas: eram do Flamengo, time por onde passou Ronaldinho Gaúcho, o *Bruxo*. O craque comandou ontem em Lisboa o Jogo dos Famosos, uma disputa de amigos jogadores para celebrar a paixão pelo futebol. Os brasileiros, em especial, foram a maioria do público e atenderam ao chamado vindo do outro lado do Atlântico para assistir à partida.

Nas bancadas, muitas camisetas de times como Grêmio, Flamengo, Atlético Mineiro e outros, além da clássica camisa verde e amarela da seleção brasileira. Os portugueses também usaram as chamadas camisolas, como do Sporting, Benfica e Porto. Todos vieram vestidos a caráter para acompanhar o duelo amistoso entre os times das duas principais estrelas, Ronaldinho Gaúcho e Ricardo Quaresma. Cada craque convidou outros jogadores e amigos famosos, como artistas, músicos e *influencers* para formação dos times.

Foi o primeiro Jogo dos Famosos e a primeira vez em Portugal, a estreia também na Europa. Os organizadores escolheram logo um país com grande número de brasileiros e também de portugueses apaixonados pela bola. O DN Brasil conversou com vários torcedores de cidades diversas de Portugal que vieram ver os ídolos de perto. O mais esperado era o *Bruxo*. Os pequenos Antônio, 2 anos e Hariel, de 7 anos, foram trazidos pela família diretamente do Porto para ver o ídolo de perto. Muitas eram as faixas e cartazes pedindo uma foto e autógrafo do jogador, que foi recepcionado em campo pela escola "Corvo Prata".



DN BRASIL
É um suplemento do DN que circula todas as primeiras segundas de cada mês, um site com atualização diária e páginas de atualidade no DN, sempre escrito em português do Brasil.

Reencontros

Ronaldinho Gaúcho mostrou logo na convocação para o amistoso que não estava de brincadeira e chamou três jogadores, que, assim como o próprio, foram campeões mundiais em 2002: Anderson Polga, Edilson e Luizão. Polga, aliás, assim como outros presentes na Amadora, teve seu reencontro com o Estádio José Gomes. O ex-zagueiro vestiu a camisa do Sporting entre 2003 e 2012.

"Foram quase 10 anos em Lisboa, então tenho um carinho enorme, voltar é sempre especial. Joguei muito nesse estádio. Campinho difícil, viu? Torcida apaixonada, Portugal tem equipes históricas", falou o ex-zagueiro.

Edilson, outro que teve passagem pelo futebol português – esteve no Benfica entre 1994 e 1995 – também se mostrou animado dentro e fora de campo. Sendo municiado por Ronaldinho, Edilson levou a melhor para cima dos zagueiros adversários e fez valer o seu apelido de *Capeta*. Em conversa ao DN Brasil, ainda brincou com Quaresma ao ser perguntado quem era melhor.

"Eu sou pentacampeão mundial, né?", brincou o sempre carismático ex-atacante, antes de completar: "Muito feliz de estar em Portugal, sou muito grato pelo tempo aqui no Benfica. Conheci lendas do futebol português no tempo que eu estive lá, como o Neno e o grande Eusébio. E inclusive marquei gol aqui! Hoje tem mais", profetizou Edilson que, de fato, deixou a sua marca no jogo beneficente.

Helton, goleiro que fez história no Porto, também marcou presença no amistoso, mas não entrou em campo: "Deixei as luvas no carro", brincou o ex-goleiro, que ainda hoje reside na cidade do Norte de Portugal, onde gere uma escola para formação de goleiros.

No final, os amigos do Quaresma levaram a melhor e Portugal venceu a partida.



Brasileiros são a comunidade estrangeira com o maior número de residentes em Portugal.

JORGE FIRMINO

Procura de crédito à habitação cresce entre os estrangeiros

INVESTIMENTO Brasileiros lideram destacados contratação de empréstimos na banca portuguesa. Norte-americanos têm ganho importância.

TEXTO **SÓNIA SANTOS PEREIRA**

O peso dos estrangeiros que contraem crédito à habitação junto dos bancos portugueses tem vindo a aumentar. No ano passado valeram 11,7% do montante contratado para compra de habitação, um crescimento superior a dois pontos percentuais quando comparado com 2022, indicam os dados do Banco de Portugal sobre o crédito no país. Os brasileiros são líderes destacados entre as nacionalidades que mais recorrem ao financiamento bancário no momento de adquirir casa. Tal não é de estranhar, já que são também a comunidade estrangeira com o maior número de residentes em Portugal – cerca de 400 mil.

Em 2023, os brasileiros foram responsáveis por 28% do montante de crédito à habitação contratado por estrangeiros, reforçando a posição cimeira que pelo menos desde 2021 ocupam neste indicador. Segundo o retrato do Banco de Portugal das pessoas que obtiveram crédito nos últimos três anos em bancos nacionais, os britânicos ocuparam neste período a segunda posição entre os cidadãos estrangeiros, respondendo por um peso de 9% em 2023. No terceiro lugar estão agora os norte-americanos, com 6% – o mesmo nível dos franceses, que reduziram a importância que tinham em 2022 (9%). Angola, com um peso de 5%, Itália (4%), China, Espanha e Alemanha (todos com 3%) e Países Baixos (2%) integram também o *ranking* das principais nacionalidades que celebraram no ano passado contratos de crédito à habitação. O Banco de Portugal não disponibilizou os valores do crédito contratado.

O número de estrangeiros que recorrem ao crédito à habitação tem acompanhado a evolução crescente do valor contratado. No ano passado, 9% das 117 mil pessoas que contraíram crédito à habitação em Portugal eram cidadãos de outros países. Os brasileiros representam aqui 36% do total dos mutuários estrangeiros, seguindo-se os angolanos (6%), os britânicos e franceses (ambos com um peso de 5%) e os norte-americanos, com 4%, o mesmo valor que os italianos. Na lista das 10 principais nacionalidades, destaque ainda para os chineses, espanhóis, ucranianos e cabo-verdianos.

163 mil

euros O valor médio do crédito à habitação de um brasileiro é de 163 mil euros. Portugueses respondem por empréstimos médios de 100 mil euros.

Crédito mais barato

"Quem lidera o crédito para a compra de casa continua a ser os clientes de nacionalidade brasileira", reconhece Ricardo Sousa, CEO da Century 21 Portugal. E isso deve-se principalmente "à insegurança e instabilidade que tem assombrado o Brasil", justifica. Mas não só. Portugal está "a captar o interesse de indivíduos com diferentes poderes de compra e motivações variadas", e, "consequentemente, o recurso ao crédito para aquisição de imóveis em Portugal tem aumentado, com mais estrangeiros a comprar e mais clientes a necessitar de financiamento para adquirir as suas casas no país". A Century 21 Portugal regista "um crescimento significativo face ao ano de 2023, acima de 15%", revela Ricardo Sousa.

Há um dado que é também de relevo. "As taxas de juro em Portugal são significativamente mais baixas do que em muitos países fora da União Europeia, como o Brasil, Estados Unidos e Reino Unido", lembra o CEO. O custo do dinheiro para os cidadãos destes países poderá explicar porque é que o *top*3 integra também britânicos e norte-americanos. Segundo Marco Tairum, CEO da Keller Williams Portugal, o cliente estrangeiro vem, em geral, preparado para adquirir com capitais próprios. No entanto, acaba por recorrer a financiamento dadas as boas condições apresentadas pelos intermediários de crédito, aponta.

Na KW, mais de 30% dos clientes estrangeiros compram a crédito. "Existem alguns clientes que, apesar de terem capitais próprios, preferem, pelas condições que a banca oferece, recorrer a empréstimos, e assim poderem diversificar os seus investimentos e/ou adquirir outros imóveis para investimento." A mediadora tem sentido que é nas zonas de Lisboa e da Margem Sul, na região do Porto e na Madeira que os estrangeiros mais recorrem a crédito para aquisição das suas casas. Já no Algarve ainda há muitos estrangeiros a comprar com recurso a capitais próprios.

Júlio Quintela, diretor de operações da Zome, observa que "houve um ligeiro abrandamento nas compras por residentes na União Europeia e um aumento de aproximadamente 10% nas compras realizadas por residentes de outros países, com destaque para israelitas, brasileiros e norte-americanos". Na sua opinião, "estas mudanças refletem uma diversificação no perfil dos investidores internacionais que escolhem Portugal como destino de investimento".

Segundo a Century 21, o valor médio do crédito à habitação de um português é de 100 mil euros, enquanto o de um brasileiro é de 163 mil. Já o preço médio de uma casa adquirida por um norte-americano é de 268 mil e de 400 mil euros quando se trata de um cidadão do Reino Unido. **Com T. C.**

sonia.s.pereira@dinheirovivo.pt

avisos, tribunais e conservatórias

PUBLICIDADE

NOVA — NOVA SCHOOL OF BUSINESS & ECONOMICS

Publicita-se a abertura de procedimentos de recrutamento de pessoal para a NOVA School of Business and Economics, aos quais podem candidatar-se indivíduos que reúnam as condições fixadas nos avisos disponíveis no seguinte endereço:

https://www2.novasbe.unl.pt/pt/sobre-nos/junte-se-a-nova-sbe

» **Referência NOVASBE.CT.85**

– 1 Técnico Superior para exercer funções na área Pré-Experiência na NOVA SBE, em regime de contrato individual de trabalho a termo incerto.

O prazo-limite para submissão das candidaturas é de 6 dias úteis a contar da data da publicação do presente anúncio.



Procedimentos Concursais para provimento de cargos de direção intermédia de 3.º grau

Para os devidos efeitos e nos termos do n.º 1 do artigo 20.º e do artigo 21.º do Estatuto do Pessoal Dirigente dos Serviços e Organismos da Administração Pública, aprovado pela Lei n.º 2/2004, de 15 de janeiro, na sua redação atual, adaptado à Administração Local pela Lei n.º 49/2012, de 29 de agosto, na sua redação atual, torna-se público que, por deliberação da Câmara Municipal de 11 de abril de 2024, e da Assembleia Municipal de 30 de abril de 2024, se encontra aberto pelo prazo de 10 dias úteis, contados estes a partir da data de publicitação do presente aviso na Bolsa de Emprego Público (BEP), os procedimentos concursais para o provimento dos cargos de direção intermédia de 3.º Grau, para **Chefe de Unidade de Arquivo, Património e Programação Cultural e Chefe de Unidade de Ação Social**.

Mais se torna público que, por deliberação da Câmara Municipal de 20 de março de 2024, e da Assembleia Municipal de 30 de abril de 2024, se encontra aberto pelo prazo de 10 dias úteis, contados estes a partir da data de publicitação do presente aviso na Bolsa de Emprego Público (BEP), o procedimento concursal para o provimento do cargo de direção intermédia de 3.º Grau, para **Chefe de Unidade de Gestão de Infraestruturas Hidráulicas**.

A publicitação do procedimento concursal na Bolsa de Emprego Público, em **www.bep.gov.pt**, e na Plataforma de Recrutamento do Município de Ponte de Barca, em **https://recrutamento.cmpb.pt**, com indicação dos requisitos formais de provimento, do perfil exigido, da composição do júri, dos métodos de seleção aplicáveis e de outras informações de interesse para a apresentação de candidaturas efetuar-se-á até ao 3.º dia útil após a publicação do presente aviso, na forma de extrato, na 2.ª Série do *Diário da República*.

Na tramitação deste procedimento concursal são cumpridas as disposições constantes do RGPD – Regulamento Geral sobre Proteção de Dados, relativamente ao tratamento de dados.

Ponte da Barca, 5 de agosto de 2024

O Presidente da Câmara Municipal
Dr. Augusto Manuel dos Reis Marinho



MUNICÍPIO DO FUNCHAL
DEPARTAMENTO JURÍDICO

EDITAL N.º 656 /2024

EXPROPRIAÇÃO POR UTILIDADE PÚBLICA DA PARCELA DE TERRENO, SUAS BENFEITORIAS E TODOS OS DIREITOS E ÓNUS A ELA INERENTES E/OU RELATIVOS, NECESSÁRIA À EXECUÇÃO DA OBRA PÚBLICA DENOMINADA "ALARGAMENTO DA TRAVESSA DO PICO DA IGREJA" NA FREGUESIA DE SÃO MARTINHO, CONCELHO DO FUNCHAL

Ana Fernanda Osío Bracamonte, Vereadora da Câmara Municipal do Funchal, no uso da competência que lhe advém do Despacho de Delegação e Subdelegação de Competências, exarado pela Senhora Presidente da Câmara Municipal do Funchal, em 1 de fevereiro de 2024, publicitado pelo Edital n.º 91/2024, da mesma data, em cumprimento do estatuído no n.º 4, do art. 11.º, e n.º 2, do art. 17º da Lei n.º 168/99, de 18 de Setembro, (Código das Expropriações, na sua atual redação) e em cumprimento da alínea d) do n.º 1 do art.º 112.º, do Código do Procedimento Administrativo, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 4/2015, de 7 de janeiro, torna público que por despacho do Exmo. Senhor Vice-Presidente do Tribunal da Relação de Lisboa, datado de 9 de agosto de 2024, foi nomeado perito, para proceder à vistoria "ad perpetuam rei memoriam" da parcela de terreno e suas benfeitorias abaixo identificada, abrangida pelo processo de expropriação referido em título, o Senhor Engenheiro Civil Rigoberto Ricardo Spínola Ramos.

A vistoria foi marcada para o dia 13 de setembro do ano 2024, no seguinte horário:

Parcela de terreno, e suas benfeitorias, com a área de 395 m2, assinalada na planta parcelar/cadastral do projeto da obra, que confronta a Norte com o proprietário, Sul, Leste e Oeste com o proprietário, a destacar do prédio rústico localizado Igreja, freguesia de São Martinho, inscrito na matriz predial rústica sob o artigo 13/1, da Secção J, a favor da Imobiliária do Almirante Reis, Lda. e descrito na Conservatória do Registo Predial do Funchal sob o número 1813/219941220, a favor da Fazenda Nacional, pelas 10h.

Face ao disposto no n.º 3, do artigo 21º, da Lei n.º 168/99, de 18 de setembro (Código das Expropriações, na sua atual redação), os interessados podem assistir à vistoria, se assim o desejarem, bem como formular por escrito os quesitos que tiverem por pertinentes, a que o perito nomeado deverá responder no seu relatório.

A Vereadora por delegação da Presidente da Câmara
Ana Fernanda Osío Bracamonte



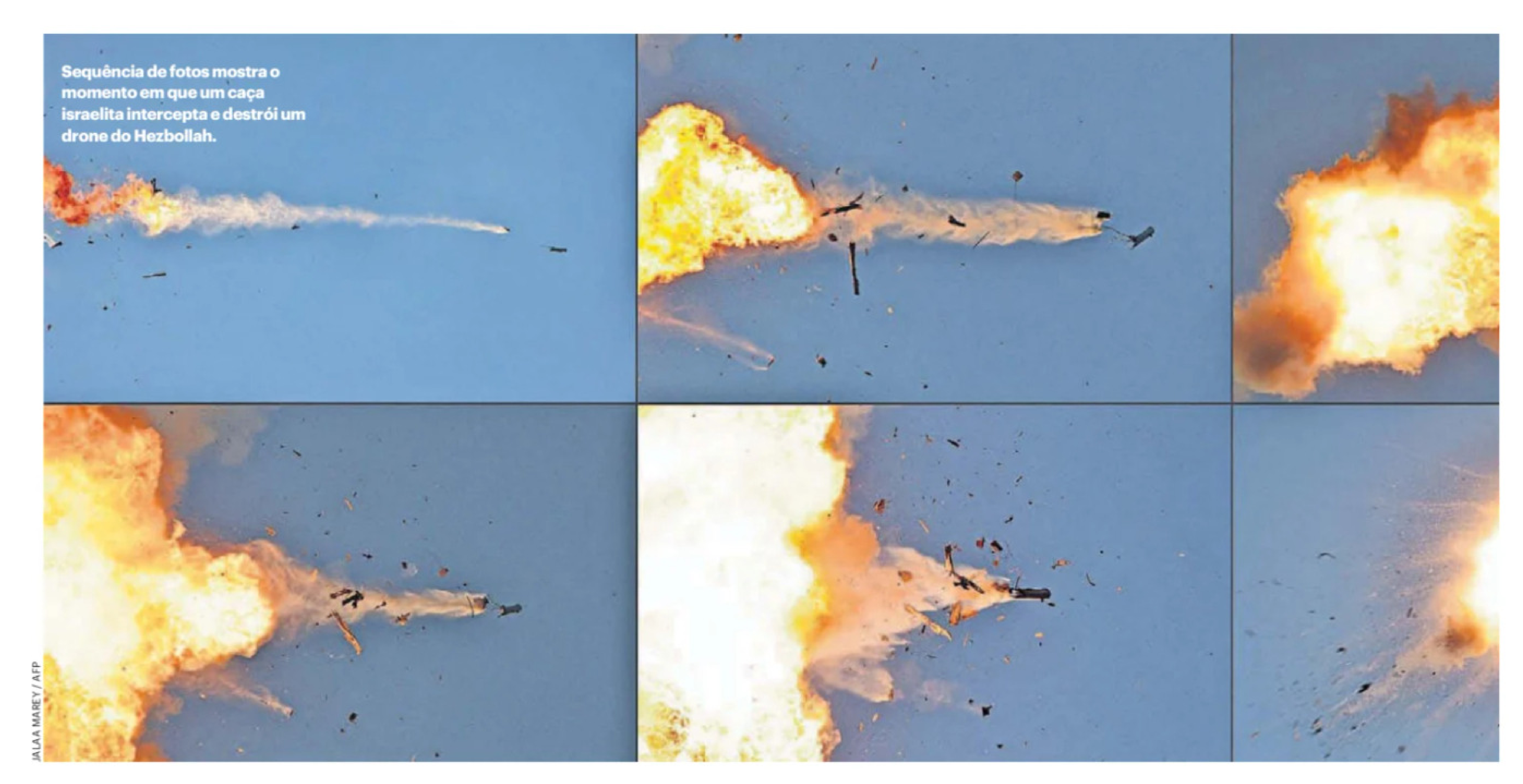


Recrutamento de quadros para a ***AMT***

A Autoridade da Mobilidade e dos Transportes (AMT), entidade reguladora responsável por definir e implementar o quadro geral de políticas de regulação e de supervisão aplicáveis aos setores e atividades de infraestruturas e de transportes terrestres, fluviais e marítimos, está a recrutar:

- *Quadros Superiores Seniores (m/f) especialistas em direito;*
- *Quadros superiores (m/f) especialistas em tecnologias de informação;*
- *Quadros superiores (m/f) em engenharia de planeamento, infraestruturas e da mobilidade;*
- *Quadro técnico (m/f) especialista em design gráfico e webdesign.*

Toda a informação sobre a oferta de emprego disponível e como concorrer pode ser consultada em **www.bep.pt** e em **www.amt-autoridade.pt.**


Sequência de fotos mostra o momento em que um caça israelita intercepta e destrói um drone do Hezbollah.

JALAA MAREY / AFP

Hezbollah e Israel cumprem objetivos e evitam escalada

GUERRA Ataque preventivo israelita antecedeu lançamento de centenas de *rockets* e drones do grupo libanês, a "1.ª fase" da resposta pela morte de Shukr. "Não é o fim da história", diz Netanyahu.

TEXTO **SUSANA SALVADOR**

Após uma das madrugadas mais intensas de troca de fogo entre Israel e o Hezbollah nos últimos 10 meses, ambos os lados deram como cumpridos os seus objetivos com perda mínima de vidas – três mortos do lado libanês, um do lado israelita – e parecem estar dispostos a evitar uma maior escalada da violência. Mas a tensão continua na região, após aquela que terá sido apenas a "1.ª fase" da resposta do grupo xiita à morte de um dos seus comandantes, com o primeiro-ministro israelita a deixar o aviso: "Não é o fim da história."

Israel está há semanas em alerta para a retaliação do grupo xiita libanês à morte de Fuad Shukr num bombardeamento israelita, a 30 de julho, em resposta ao ataque que vitimou 12 crianças nos Montes Golã, ocupados três dias antes. Um ataque cuja responsabilidade o Hezbollah negou.

As Forças de Defesa de Israel (IDF, na sigla em inglês) explicaram que o grupo xiita libanês estava a preparar-se para lançar o seu ataque, com milhares de lançadores de *rockets* preparados para disparar desde 40 posições. "Num ato de autodefesa para remover essas ameaças, as IDF atacaram alvos terroristas no Líbano, a partir de onde o Hezbollah planeava lançar os seus ataques", indicaram num comunicado. Os bombardeamentos foram feitos por uma centena de caças.

O ministro da Defesa israelita, Yoav Gallant, alega que a capacidade de "remover a ameaça" minutos antes do ataque foi "muito bem-sucedida" e deixou "desorientado" o grupo xiita libanês – que é apoiado pelo Irão. De acordo com o ministro, não foram lançados metade ou até dois terços dos *rockets* que o Hezbollah planeava lançar. Um militar da Marinha israelita morreu e outros dois ficaram feridos, aparentemente quando a embarcação em que seguiam foi confundida com um alvo inimigo e atingida por um dos mísseis do sistema de defesa Iron Dome.

O grupo liderado por Hassan Nasrallah, que está envolvido numa troca de fogo quase diária com Israel desde o início da guerra em Gaza, tem uma versão diferente do que aconteceu. "Falar de como a resistência [o Hezbollah] iria lançar oito mil ou seis mil *rockets* e drones e que [Israel] frustrou isso... são alegações falsas", disse o líder num discurso televisivo, alegando que foram destruídos apenas "dezenas de lançadores de *rockets*".

Nasrallah revelou que o alvo central do grupo era a base de Glilot, sede da Mossad, que fica próximo de Telavive e a 110 km da fronteira com o Líbano. Segundo o líder do Hezbollah, o objetivo não era atingir alvos civis e a missão decorreu "com precisão", sendo concluída como estava planeado. "Vamos analisar o impacto da operação. Se os resultados não forem vistos como suficientes, vamos responder noutra altura", acrescentou. Um porta-voz das IDF disse à AFP que a base de Glilot não foi atingida.

Ainda antes das declarações de Nasrallah, o Hezbollah tinha anunciado ter disparado 320 *rockets* Katyusha e "um grande número de drones", atingindo 11 alvos militares israelitas. Disse ser a "1.ª fase" da retaliação à morte de Shukr, avisando que a próxima fase pode levar "algum tempo". O grupo xiita libanês indicou ainda que tinha adiado esta ação para dar tempo às negociações para um cessar-fogo em Gaza, além de ter calibrado a resposta para evitar desencadear uma guerra em larga escala.

Segundo a Reuters, que cita dois diplomatas anónimos, os dois lados trocaram ontem mensagens através de intermediários para evitar uma escalada do conflito. A principal mensagem terá sido de que esta ação estava "terminada" e que nenhum dos lados tinha interesse numa guerra aberta – embora Netanyahu reconhecer que este "não é o fim da história" e Nasrallah ameaçar com mais ataques.

Apesar da tensão dos últimos



meses, nem o Hezbollah nem Israel estão interessados em piorar a situação. O grupo xiita libanês, financiado e equipado pelo Irão, é uma das organizações militares não estatais mais bem armadas do mundo. Estima-se que tenha entre 20 mil e 50 mil combatentes – eles alegam serem 100 mil – e possua entre 120 mil e 200 mil mísseis e *rockets*, segundo uma análise recente do Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais. A sua capacidade está muito acima do Hamas, que Israel procura há 10 meses destruir dentro da Faixa de Gaza.

Ao Hezbollah também não interessa uma guerra que cause destruição dentro do Líbano, já que procura popularidade interna para além da sua base xiita e sairia prejudicado diante de Israel, que também tem um grande poder militar. Os analistas acreditam também que o Irão poderá estar a "poupar" o Hezbollah para a eventualidade de ser ele próprio atacado por Israel ou pelos EUA – Teerão prometeu retaliar pela morte do líder político do Hamas, Ismail Haniyeh, na mesma altura que Shukr. O presidente norte-americano, Joe Biden, reafirmou o seu apoio a Israel.

susana.f.salvador@dn.pt

Hamas rejeitou novas condições para trégua

A delegação do Hamas que estava no Cairo deixou ontem a capital egípcia após ser informada pelos mediadores do Egito e do Qatar dos resultados das negociações com Israel, rejeitando as novas condições para uma trégua na Faixa de Gaza. O grupo islamita, considerado uma organização terrorista pelos EUA e pela União Europeia, reiterou a disponibilidade para implementar o plano apresentado pelo presidente norte-americano, Joe Biden, em maio.

"Não aceitaremos discussões sobre retratações do que concordámos a 2 de julho ou novas condições", disse o representante do Hamas, Osama Hamdan, à TV Al-Aqsa. A delegação do grupo terrorista palestiniano esteve no Cairo, mas tinha recusado participar nas negociações, insistindo que uma das suas exigências para um cessar-fogo é a retirada total das forças israelitas da Faixa de Gaza.

Um dos obstáculos ao acordo é a exigência de Israel de manter tropas no chamado "Corredor Filadélfia", uma faixa de 14 quilómetros de comprimento por 100 metros de largura ao longo da fronteira do enclave com o Egito. O Hamas alega que Israel recuou no compromisso de retirar do corredor e acrescentou novas exigências, nomeadamente a manutenção de um outro corredor, no centro da Faixa de Gaza, que permite controlar os movimentos dos palestinianos entre o Norte e o Sul.

Depois de no Cairo terem terminado sem sucesso as negociações, o Hamas reivindicou o lançamento de um *rocket* de longo alcance contra Telavive, que fez soar as sirenes na cidade de Rishon Lezion (que fica a sul). Segundo as Forças de Defesa de Israel, o *rocket* terá sido lançado de Khan Yunis e caiu numa zona desabitada, sem causar feridos.

Sírio confessou autoria de ataque na Alemanha

TERRORISMO O suspeito, Issa Al H., entregou-se à polícia. Estado Islâmico reivindicou atentado que matou três pessoas em Solingen.

O cidadão sírio que confessou a autoria do ataque que matou três pessoas e feriu outras oito num festival em Solingen, na Alemanha, ficou ontem em prisão preventiva. O suspeito, identificado como Issa Al H. (o apelido não foi revelado por privacidade), vai ficar detido por "fortes suspeitas de pertencer a um grupo terrorista", além de "assassínio" e "tentativa de homicídio".

O ataque, na sexta-feira à noite, foi reivindicado pelo Estado Islâmico, que alegou que foi uma ação de "vingança pelos muçulmanos na Palestina e em todo o lado". Mas não forneceu mais informações ou provas no comunicado partilhado pela agência Amaq.

O suspeito, de 26 anos, entregou-se às autoridades no sábado à noite, quase 24 horas após o ataque. Segundo a polícia, confessou "ser responsável" pelos esfaqueamentos em Solingen. Ontem, foi transportado de helicóptero até ao Tribunal Federal de Karlsruhe para a primeira audiência. O vice-chanceler alemão, Robert Habeck, indicou que não constava das listas de extremistas considerados perigosos.



THOMAS KIENZLE / AFP

Suspeito foi transportado de helicóptero para o tribunal.

De acordo com a revista *Spiegel*, Issa chegou à Alemanha em dezembro de 2022 e pediu asilo. Contudo, ao abrigo das regras europeias, estes pedidos devem ser analisados no país de entrada na União Europeia – neste caso a Bulgária. As autoridades alemãs entregaram o pedido de transferência aos búlgaros, que aceitaram, e o sírio devia ter sido deportado em junho do ano passado.

Contudo, as tentativas para o fazer falharam e o prazo para a transferência expirou há um ano, fazendo com que a Alemanha ficasse responsável pelo processo. As autoridades acabaram por lhe conceder proteção e um subsídio, vivendo desde setembro num centro de refugiados de Solingen – alvo de buscas pela polícia e onde foi detida outra pessoa, que terá sido "testemunha". Um jovem de 15 anos também foi preso por não denunciar o ataque. **S.S.**

Kiev: Minsk está a posicionar tropas na fronteira

CENÁRIO Ucrânia avisa Bielorrússia contra "ações hostis" e "erros trágicos".

A Ucrânia acusou ontem a Bielorrússia, aliada de Moscovo, de "concentrar" tropas na fronteira que os dois países têm em comum, alertando Minsk contra "ações hostis". Segundo um comunicado do Ministério dos Negócios Estrangeiros ucraniano, "sob o pretexto de exercícios", militares bielorrussos estão a concentrar-se "na região de Gomel".

"Alertamos as autoridades bielorrussas para não cometerem erros trágicos para o seu país sob a pressão de Moscovo e instamos as suas Forças Armadas a cessarem as ações hostis e a retirarem as forças da fronteira estatal da Ucrânia para uma distância superior ao alcance de tiro dos sistemas da Bielorrússia", indicaram.

Esta acusação surge numa altura em que o presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, alega que os seus militares continuam a fazer avanços dentro da Rússia – terão ganho entre um e três quilómetros e assumido o controlo de mais duas localidades.

A agência Reuters revelou entretanto que dois dos seus funcionários ficaram feridos e um terceiro está desaparecido depois de o hotel onde estavam alojados, em Kramatorsk, ter sido bombardeado. Segundo Zelensky, um míssil Iskander terá atingido o hotel Sapphire, onde estavam os jornalistas.


DR

A. C. Grayling
"Exploração do espaço deve evitar erros passados do tipo Velho Oeste ou corrida ao ouro"

LIVRO Reitor da Northeastern University London, o filósofo A. C. Grayling escreve sobre temas que vão dos direitos humanos aos valores morais. Neste *A Quem Pertence a Lua* (Edições 70) defende que as potências devem gerir a aventura espacial em cooperação e não em conflito.

ENTREVISTA **LEONÍDIO PAULO FERREIRA**

Já existe uma disputa entre as grandes potências sobre o controlo do espaço, especialmente no caso dos satélites?
Já existe competição entre países (nomeadamente entre os EUA e a China) sobre quem terá a tecnologia de exploração e pouso lunar mais eficaz e quem levará os seres humanos de volta à Lua primeiro; mas também há competição entre agências privadas com programas espaciais, visando serem as preferidas para atividades no espaço e alcançar a melhor posição para obter um retorno sobre o investimento da atividade espacial comercial. A zona orbital ao redor da Terra onde os satélites voam está sujeita a competição comercial normal por agências que buscam colocar satélites individuais e constelações de satélites para fins de comunicação, GPS, vigilância, etc. O desenvolvimento de armas antissatélite em caso de conflito na Terra ou no espaço está bem desenvolvido.

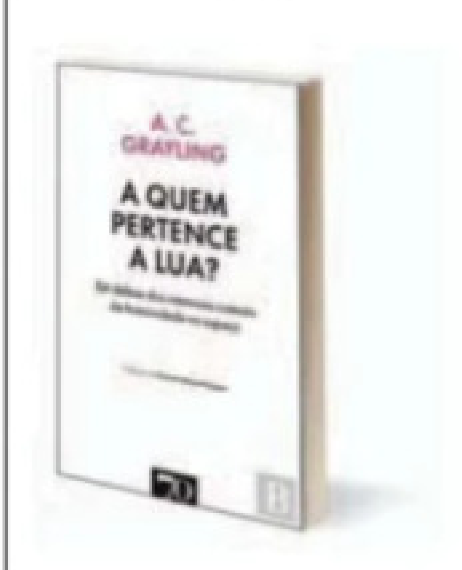
Quais são as hipóteses de países como os EUA, China e Rússia chegarem a entendimento se a mineração na Lua for viável?
No curto prazo, acordos sobre não interferência, pelo menos, e ajuda mútua em caso de desastres ou perigo para o pessoal humano já são explícitos em tais disposições que já existem – o Tratado de 1967 e as "declarações" subsequentes. Mas o ponto que gera ansiedade é que se recursos especialmente valiosos forem encontrados em locais específicos sobre os quais surgem desacordos de acesso, a possibilidade de conflito – diplomático ou pior – pode surgir. A estrutura atual para regular conflitos de interesses não é nem de longe robusta o suficiente.


A. C. Grayling
Filósofo britânico

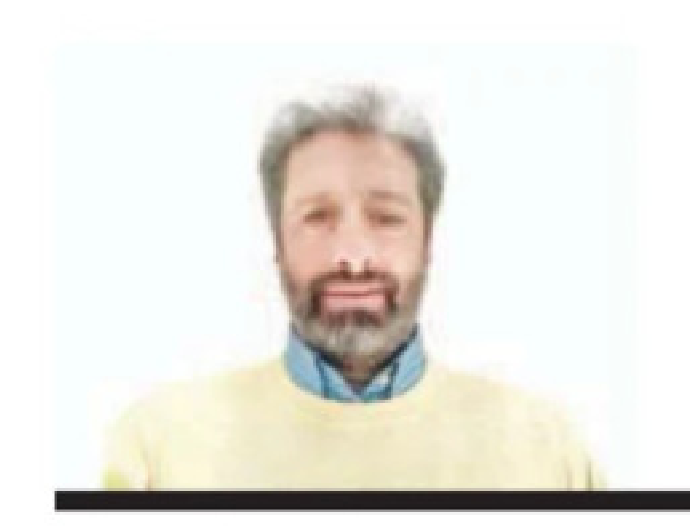
É possível que um país um dia reclame soberania sobre a Lua ou Marte?
Sim, apesar de o Tratado de 1967 afirmar que isso não é permitido. E é um grande motivo de preocupação. A China já está à procura de maneiras de afirmar reivindicações de soberania sobre partes da Antártida sem usar o termo "soberania", por exemplo.

Os principais tratados sobre o espaço datam da década de 60, durante a Guerra Fria. Será difícil revê-los agora?
Tem-se mostrado cada vez mais difícil serem acordados tratados internacionais do tipo daqueles que afetam a Antártida, os oceanos e o espaço. Isso ocorre porque países como os EUA e a China não querem ser vinculados por tais tratados, desejando que eles próprios, como Estados ou através das suas empresas e agências, sejam livres para aproveitar ao máximo as oportunidades no espaço. O esforço da ONU para obter uma Convenção do Direito do Mar demonstra bem as dificuldades.

Se, em vez de países, forem empresas privadas a liderar a exploração espacial, tudo se tornará ainda mais complicado na gestão do espaço?
Sim, porque as empresas são menos limitadas por considerações geopolíticas, são mais intensamente motivadas por considerações de "retorno sobre o investimento" e mais competitivas localmente. Mas um problema maior inclui agências privadas e estatais: se o futuro da humanidade no espaço não for governado por estruturas de leis, direitos humanos e acordos sobre o partilhar mútuo e pacífico do espaço, então, à medida que a atividade espacial aumenta – por exemplo, colonização –, as sementes das quais ela crescerá serão contratos de empresas ou as visões da China sobre como as coisas devem funcionar numa comunidade/economia. No futuro, as colónias espaciais podem tornar-se independentes da Terra, e, nesse caso, as suas bases de funcionamento não serão como os arranjos socioeconómicos que evoluíram na Terra. O meu argumento geral é que devemos pensar à frente, preparar-nos, estabelecer boas bases, evitar erros passados do tipo Velho Oeste e "corrida do ouro" – porque a expansão humana no espaço está a acontecer, não vai parar e terá uma grande influência no nosso futuro global.



A QUEM PERTENCE A LUA?
A. C. Grayling
Edições 70
166 páginas
20,90 euros



Opinião
João Paulo Ventura

(In)segurança internacional: da incerteza agravada ao caos geopolítico

Não é possível apreciar o quadro atual de ameaças à segurança internacional sem ponderar a circunstância de que vivemos num mundo de desafios. Num mundo crescentemente perigoso, imprevisível, marcado por ameaças e riscos globais, no caos geopolítico.

A incerteza é a palavra-chave, resultando de matriz multivariada de elementos de instabilidade e de entropia.

Incerteza e imprevisibilidade associadas à mãe natureza: causadas pelo aquecimento global, alterações climáticas e pandemia de covid-19, que até janeiro de 2023 causou mais de sete milhões de mortos em todo o mundo.

Incerteza emergente da radicalização política, ideológica e religiosa. Equacionando a paz, a estabilidade e a segurança. Com sequelas económico-financeiras e implicações para a sociedade e o bem comum.

Atente-se na guerra de agressão que decorre no Leste Europeu – agora com o *jus ad bellum* a escalar o conflito para o território do Estado agressor – e a velha crise no Médio Oriente.

Mais de 30 anos depois da violenta secessão na antiga Jugoslávia, a guerra voltou à Europa.

Desde fevereiro de 2022, prosseguindo a ideologia ultranacionalista e imperialista, a Rússia não deteve a política de guerra híbrida. Com ações tipicamente militares, campanhas de desinformação e propaganda – recorrendo às palavras como (outras) armas – *fake news*, ciberataques DDoS –, *deep fakes* produzidas por inteligência artificial e espionagem. Impondo a desestabilização económica e social sobre a Europa e o mundo. Tentando influenciar, a seu favor, processos eleitorais em países estrangeiros. *At the end of the day, it is all about ideology*.

O Kremlin procura contrariar o Ocidente em prol de um xadrez global multipolar. Preconiza sociedades iliberais, onde seja capaz de exercer liderança. Pelo menos na aparência, senão também na essência, essa é a razão que justifica o apoio da Rússia a amplos setores da extrema-direita europeia, que pugnam contra as tendências globalistas para preservarem as soberanias nacionais e a sua identidade cultural.

A relação entre o regime de Moscovo e a dita extrema-direita europeia configura um casamento de conveniência estratégica. O suserano russo representa o ícone de um líder conservador forte, defensor da tradição e opositor do Ocidente em decadência.

Inter alia, são estas algumas das conclusões do livro, publicado em abril pelo Centro Internacional Contra-Terrorismo (ICCT), intitulado *Russia and the far-right – insights from 10 European countries*. A influência subversiva da Rússia em segmentos da extrema-direita de nove Estados-membros (EM) da União Europeia (UE) e na Sérvia. Mas com ou sem influência externa, a extrema-direita cresce significativamente no Ocidente, a jusante dos 10 países retratados na obra do ICCT. Com narrativa sustentada nas causas de incidentes violentos e nas tensões ideológicas associadas. A reboque de argumentação estribada nos malefícios e perigos que decorrem dos recentes fluxos de migrantes e refugiados.

Suspeitas de suborno de deputados do Parlamento Europeu estão sob investigação. Tentativas de corromper e minar a coesão e a unidade da UE, enfraquecendo possíveis acordos para apoiar o esforço militar da Ucrânia na luta contra a agressão da Rússia, que viola as regras do direito internacional e a Carta das Nações Unidas.

A Agência da UE para a Cibersegurança e o Serviço Europeu de Ação Externa (SEAE) iniciaram avaliação conjunta das ameaças relacionadas com a interferência e manipulação de informação estrangeira (conhecida pelo acrónimo FIMI – *Foreign Information Manipulation Interference*, proposto para refinar a definição de desinformação). Em julho de 2022, o Conselho da UE concluiu sobre a importância de combater o FIMI, em conjunto com as ameaças híbridas e as ciberameaças.

A 3 de maio, o Alto Representante da UE para os Negócios Estrangeiros e Política de Segurança condenou veementemente a campanha cibernética maliciosa da Rússia, que recorreu ao seu grupo de espionagem eletrónica APT28 (Advanced Persistent Threat) contra a Alemanha e a República Checa. O APT28 atacou endereços eletrónicos afetos a um partido político germânico e infraestruturas institucionais checas de comunicação e informação.

O mesmo grupo de espionagem eletrónica já atacara infraestruturas críticas da Polónia, Lituânia, Eslováquia e Suécia e, repetidamente, da Ucrânia.

Esse ator de espionagem cibernética terá interferido nas eleições presidenciais dos EUA em 2016, comprometendo a candidatura da representante do Partido Democrata.

Em 2020, a UE sancionou indivíduos e entidades responsáveis pelos ciberataques cometidos em 2015, com recurso ao APT28, contra o Parlamento Federal Alemão.

A UE considera que a maliciosa e subversiva campanha cibernética atesta o continuado padrão de comportamento irresponsável da Rússia no ciberespaço. Visando instituições democráticas, entidades governamentais e infraestruturas críticas. E essa atividade é tanto mais corrosiva e desestabilizadora da democracia quanto é certo que em 2024 haverá eleições em mais de 60 países.

Trinta meses depois da invasão da Ucrânia, não há solução de paz visível no horizonte. E, pontuando a incerteza agravada, há um conjunto superveniente de questões que se colocam e inquietam o cidadão comum:

O que sucederá se a Rússia vencer a guerra? Sobreviverá a Ucrânia enquanto Estado independente e soberano? Poderá a Ucrânia aderir à UE?

Os Estados Bálticos, outros países do Norte da Europa e restantes países do Leste Europeu estarão seguros? (nomeadamente aqueles que estiveram na órbita do Pacto de Varsóvia). Estará a Europa segura no seu todo?

Intervirá a NATO contra a Rússia para proteger esses países? (alguns são membros da NATO e, nos termos do artigo 5.º do Tratado do Atlântico Norte, um ataque contra um ou mais membros será considerado um ataque contra a Aliança).

Nesse caso, a resposta da NATO significará a III Guerra Mundial? Implicará um conflito nuclear, fatal para a subsistência da Humanidade?

O outro foco de radicalização político-ideológica e religiosa que produz tensões globais fortíssimas é o conflito que grassa no Médio Oriente. Não começou em outubro de 2023, desencadeou-se muito antes. E, entretanto, o governo de Israel prossegue a ofensiva sobre Gaza. Veremos as consequências da recente proposta americana de cessar-fogo.

Esse conflito é um óbvio catalisador poderosíssimo para o alastramento da ameaça terrorista global, incluindo os atores solitários. Confesso alguma (agradável) surpresa face ao relativamente escasso volume de conspirações terroristas e atentados desde que as hostilidades recrudesceram no Médio Oriente.

Descambará a crise no Médio Oriente numa guerra regional? O terrorismo alastrará pelo globo devido à escalada do conflito?

Uma derradeira questão, cuja resposta afetará o curso e desfecho dos dois conflitos, no Leste da Europa e Médio Oriente: qual será o resultado das eleições presidenciais nos EUA em novembro próximo?...

Na sociedade de comunicação e de informação massiva de hoje, encontrar o ponto de equilíbrio entre a ignorância, o alarmismo e o pânico não é tarefa fácil. É preciso encontrar instrumentos de comunicação estratégica orientados para difundir informação fiável junto da opinião pública, contrariando nocivas campanhas de desinformação.

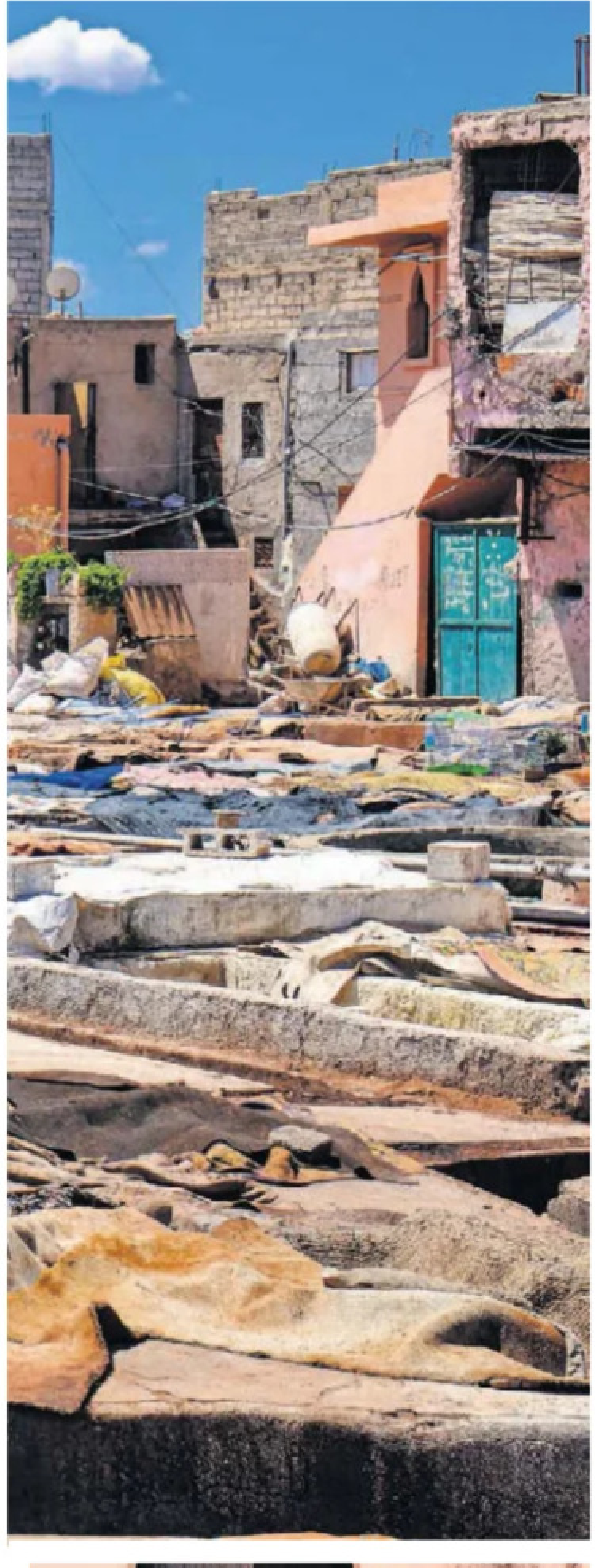
Coordenador de investigação criminal na UNCT/PJ e conselheiro de Justiça e Segurança Interna na REPER.



Marraquexe: uma viagem sensorial

Visitar Marraquexe é mergulhar num turbilhão de cores, sons e aromas que despertam os sentidos. Perder-se nas ruelas labirínticas da medina, regatear nos *souks* vibrantes, maravilhar-se com a arquitetura mourisca dos palácios e mesquitas e vivenciar a energia contagiante da praça Jemaa el-Fnaa ao entardecer são experiências inesquecíveis.

FOTOGRAFIA **LEONARDO NEGRÃO / GLOBAL IMAGENS**










Nº97
Tijani
14


Fernando Pimenta, Teresa Portela, Francisca Laia e Messias Baptista formaram a comitiva nacional nos Mundiais. Todos voltaram para casa com medalhas.

FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE CANOAGEM

Medalhas para todos. Messias soma novo ouro e Pimenta dá prova de força

CANOAGEM Depois da desilusão nos Jogos de Paris 2024, Portugal sai dos Mundiais no Uzbequistão com imagem reforçada e seis pódios.

TEXTO **PEDRO SEQUEIRA**

Os Mundiais de velocidade de distâncias não olímpicas, no Uzbequistão, voltaram a projetar a canoagem portuguesa no panorama internacional da modalidade, após a desilusão nos Jogos de Paris 2024, que terminaram sem medalhas nacionais. Desta vez, em Samarcanda, tudo foi diferente e Portugal saiu da competição com seis medalhas (duas de ouro, três de prata e uma de bronze). O saldo permitiu à comitiva portuguesa – formada por Fernando Pimenta, Messias Baptista, Teresa Portela e Francisca Laia – terminar a competição no terceiro lugar do medalheiro, atrás dos atletas a competirem sob bandeira neutral (16 medalhas) e da Hungria, uma das principais potências da modalidade (7 medalhas).

O maior destaque da participação nacional vai para Messias Baptista, que arrecadou dois títulos mundiais. O canoísta de Vila do Conde, que representa o Benfica, conquistou ontem o ouro em K1 200 m, depois de ter conseguido o mesmo feito no sábado, em dupla com Teresa Portela (K2 500 m). Messias, 25 anos, que em 2023 já tinha sido campeão do mundo em Duisburgo, na Alemanha, com João Ribeiro, em K2 500 m, ajudou ainda Portugal a atingir o 3.º lugar do pódio em K4 500 m mistos, ao lado de Pimenta, Portela e Laia.

Três foi também o número de medalhas que Fernando Pimenta e Teresa Portela trouxeram para casa. O mais titulado canoísta português, que tem no currículo duas medalhas olímpicas – prata em Londres 2012, em K2 1000 m (com Emanuel Silva), e bronze em Tóquio 2020, em K1 1000 m –, teve um dia intenso, que começou com a prata em K1 500 m (melhorou o desempenho em relação ao ano passado, quando foi terceiro nos Mundiais de Duisburgo), ficando apenas atrás do checo Josef Dostal, que há duas semanas se sagrou campeão olímpico em K1 1000 m.

Logo depois, Pimenta conquistou a medalha de bronze em K4 500 m mistos e, a fechar a prestação, somou nova prata em K1 5000 m, repetindo a classificação de 2023 e perdendo o ouro para o mesmo adversário da altura, o dinamarquês Mads Brendt Pedersen, agora bicampeão do mundo.

Aos 35 anos, o atleta de Ponte de Lima (que não fecha a porta a estar presente nos Jogos de Los Angeles em 2028) deu no Uzbequistão uma nova demonstração de força física e anímica, regressando rapidamente e com competência – apenas 15 dias depois do 6.º lugar no K1 1000 m em Paris 2024 – ao nível a que habituou o mundo da canoagem e que é sinónimo de sucesso: Pimenta soma agora 148 medalhas internacionais, 25 delas em Mundiais.

Já Teresa Portela, após o ouro no sábado em K2 500 m mistos, começou o dia a formar dupla com Francisca Laia na competição de K2 200 m, cumprindo a distância em 37,420 segundos, o que lhes valeu o 2.º lugar, atrás das russas Anastasiia Dolgova e Svetlana Chernigovskaya (que competiram sob bandeira neutra). Portela e Laia voltariam a entrar em ação no K4 500 m mistos (uma estreia nesta competição de distâncias não olímpicas) para somarem a medalha de bronze, numa prova ganha por um quarteto bielorrusso (também a competirem como atletas neutros).

Ou seja, Portugal apresentou-se nos Mundiais do Uzbequistão com quatro canoístas e todos voltaram para casa com medalhas. O resultado de "excelência" foi reconhecido por Marcelo Rebelo de Sousa através de uma nota publicada no *site* da Presidência da República, onde se pode ler que os desempenhos nacionais no Uzbequistão são "uma prova constante do mérito da canoagem nacional". **Com LUSA**

BREVES

Vuelta. Yates vence etapa já sem João Almeida

O ciclista britânico Adam Yates (UAE Emirates) venceu ontem, isolado, a nona etapa da Volta a Espanha, reentrando na luta pela geral, que continua encimada pelo australiano Ben O'Connor (Decathlon AG2R). Yates, de 32 anos, cumpriu os 178,5 km entre Motril e Granada em 4:42.28 horas, com 1.39 minutos de vantagem para o equatoriano Richard Carapaz (EF Education-Easy Post), segundo, e 3.45 para O'Connor, terceiro. Nas contas da geral, o australiano mantém a camisola vermelha no corpo, com 3.53 minutos de vantagem para o esloveno Primoz Roglic (Red Bull-BORA-hansgrohe). O português João Almeida (UAE Emirates), infetado com covid-19, teve de abandonar a competição.

F1. Lando Norris domina GP dos Países Baixos

O piloto britânico Lando Norris (McLaren) venceu ontem o Grande Prémio dos Países Baixos de Fórmula 1, 15.ª ronda da temporada, com uma exibição dominadora ao estilo do campeão Max Verstappen (Red Bull). Norris, que largou da *pole position*, concluiu as 72 voltas em 1:30.45,519 horas, deixando na segunda posição o tricampeão Verstappen, a 22,896 segundos, com o monegasco Charles Leclerc (Ferrari) a ser terceiro, a 25,439. Com este triunfo Norris não só encurtou a distância que o separa do líder do mundial, Verstappen, como se tornou no primeiro piloto a bater o neerlandês na corrida caseira desde o regresso da F1 aos Países Baixos, em 2021.



A festa do apuramento em Atenas frente ao AEK foi um momento único para os portugueses.

FC NOAH FACEBOOK

Noah. Equipa mais portuguesa da Arménia também brilha na Europa

UEFA O clube de Yerevan onde trabalham 10 portugueses, fundado em 2017, é a grande sensação na Liga Conferência. Ao DN, o treinador, Rui Mota, e os jogadores Gonçalo Silva, Gonçalo Gregório e Hélder Ferreira não escondem a felicidade que sentem neste momento único.

TEXTO **RUI BAIONETA**

Noah é um apelido sobejamente conhecido e respeitado no desporto mundial, mas não é desse Noah, Yannick de nome próprio, que falamos – o antigo tenista francês, hoje com 64 anos, continua a ser uma referência...

Este Noah, onde brilham atualmente 19 portugueses, é bem mais novo e o atual nome, assim como o clube, têm uma história para contar. O clube original nasce em 2017 no Nagorno-Karabakh, um território separatista habitado por arménios no Azerbaijão, com o nome de FC Artsakh (em 2020, os azeris reconquistaram esse território e os arménios do Nagorno- Karabakh refugiaram-se na Arménia). Em 2019, porém, já o clube passava por enormes dificuldades e foi nessa altura que um grupo de investidores arménios, residentes na Arménia, decidiu, por uma questão de solidariedade, salvá-lo. A sede passou a ser na capital da Arménia, Yerevan, e o FC Artsakh dá lugar ao FC Noah... inspirado na Arca de Noé – a escolha do nome faz referência ao monte Ararat, que é associado ao local onde a Arca de Noé terá repousado após o dilúvio bíblico (o monte Ararat, refira-se, é um símbolo importante na cultura e história da Arménia e a associação com a Arca de Noé é uma forma de ligar o clube a essa herança cultural e religiosa). Atualmente, a equipa já vai despertando curiosidade na Europa pelo trajeto que está a assinar, sobretudo na Liga Conferência. Começou na 1.ª pré-eliminatória e foi derrubando adversário atrás de adversário, quais pinos no *bowling*, entre eles os conceituados gregos do AEK Atenas.

Nos seus quadros trabalham 10 portugueses: o chefe da equipa técnica, Rui Mota, de 45 anos, conta com o apoio de Paulo Leitão (coordenador geral), Pedro Elias (analista), Paulo Moreira (coordenador de *scouting*), Nuno Mota (coordenador técnico), André Freixieiro (treinador adjunto) e Luís Barbosa (preparador físico). A estes sete elementos juntam-se ainda os jogadores Gonçalo Silva, defesa central de 33 anos, Hélder Ferreira, extremo/avançado de 27 anos, e Gonçalo Gregório, ponta de lança de 29 anos, que se estão a revelar fundamentais.

Um projeto recente, com gestão ambiciosa, com um claro investimento na equipa de futebol (o objetivo de fazer frente a Alashkert e Ararat-Arménia, principais clubes arménios...), sem descurar o futebol de formação. Entre títulos já conquistados, como a Taça da Arménia (2019/2020) e a Supertaça (2020), está agora a um pequeno passo de fazer história e disputar a fase de grupos de uma competição europeia (Liga Conferência) – já deixou para trás Shkendija (Macedónia), Sliema (Malta) e AEK (Grécia). Para já, na derradeira eliminatória antes de garantir o apuramento, bateu os eslovacos do Ruzomberok, em casa, por 3-0 – a 2.ª mão, na Eslováquia, está agendada para quinta-feira. O sonho está a um pequeníssimo passo...

"A superar as expectativas"

Rui Mota é o grande responsável pelo momento único que o clube vive. "O Noah nunca tinha conseguido passar da primeira pré-eliminatória da Liga Conferência", lembra o treinador, que durante sete anos foi adjunto de Ricardo Sá Pinto. "Está a ser um grande início de época. E se eu disser que, a três semanas do primeiro jogo oficial para a Liga Conferência, tínhamos nove jogadores... Penso que estamos a superar as expectativas, melhor seria impossível", realça. O técnico, que, enquanto chefe de equipa, nunca trabalhou no principal escalão do futebol português, acredita piamente no projeto do clube arménio. "Percebi que as pessoas do clube estão empenhadas na conquista de títulos, algo que também quero para a minha carreira. É um clube que está a crescer, quer ser uma referência da Arménia na Europa e que não tem um projeto para guardar na gaveta. Há aqui ambição de lutar por coisas importantes", reforça. Elogia ainda as condições de trabalho do clube. "Penso que em fevereiro já vai estar construída a academia, muito ao estilo da Cidade do Futebol da FPF."

Dar a vida em cada jogo

Se o treinador está feliz, os jogadores também. Gonçalo Silva é totalista. "Estava um bocado indeciso, porque a minha primeira experiência no estrangeiro não correu bem, mas desde que cheguei que percebi imediatamente que ia ser diferente. Sinto-me muito bem aqui, sinto confiança. Tive uma receção cinco estrelas, todos querem dar-nos o melhor. E os resultados estão à vista", afirma o defesa central que representou o Sp. Braga, Belenenses e Farense. Já Hélder Ferreira, que passou pelo V. Guimarães e Paços de Ferreira, reconhece que "não estava à espera" do que está a acontecer: "As condições surpreenderam-me. Não temos muita experiência em competições europeias, será um novo desafio para todos, mas uma coisa é certa: vamos encarar cada jogo como se fosse o último das nossas vidas."

Gonçalo Gregório é o melhor marcador da equipa. "Estou muito bem aqui. Gosto do país, da equipa...", diz o antigo ponta de lança da U. Leiria. E acrescenta: "Tento ajudar com golos, mas o meu trabalho não é só esse. Estou muito feliz, sobretudo por as coisas estarem a correr bem coletivamente." Apesar dos registos relevantes em cada época no que diz respeito a golos marcados, nunca teve oportunidade de jogar no principal escalão em Portugal. "Não guardo mágoa por isso, as coisas acontecem quando têm de acontecer, mas acho que os clubes portugueses deviam apostar mais nos jogadores nacionais e olhar para eles da mesma forma que olham para quem chega de fora", comenta.

Mas o tempo é de festa e em breve o Noah pode estar a medir forças com clubes como Chelsea ou Vitória de Guimarães, entre outros nomes importantes. Para já, é caso para dizer... 'Noah' pai para eles!

"Demorei 10 anos a perceber que não sou um escultor, sou um construtor"

ARTE Nascido numa aldeia rodeada pelos Alpes, Marc Raymond admite sentir saudades da sua Suíça e que as montanhas podem não ser alheias à sua escolha de carreira. A viver há três anos em Lisboa com a mulher, Giorgia, uma diplomata grega que conheceu numa viagem à China, e o filho adolescente, o escultor diz não acreditar na inspiração. "O meu trabalho é introspetivo. É uma evolução, como na vida."

TEXTO **HELENA TECEDEIRO**



Quando, em criança, ajudava o pai a cuidar das vinhas aos sábados ou às quartas-feiras à tarde, quando não tinha aulas, Marc Raymond depressa percebeu que "não era feito para a terra", apesar de saber desde muito jovem que queria "trabalhar com as mãos". É dessa altura, quando jogava à bola com os filhos dos portugueses na praça da aldeia de Saillon, perto de Martigny, onde nasceu, no cantão suíço de Valais, que data a sua primeira ligação a Portugal. "O meu pai tinha um casal de portugueses que trabalhava para ele. E havia muitos portugueses na aldeia", recorda agora o homem cuja paixão pelo trabalho manual havia de levar à escultura. No seu apartamento em Campo de Ourique, rodeado por algumas das suas obras, Raymond conta ao DN como a vida acabaria por o trazer a Lisboa, onde vive há três anos com a mulher, diplomata grega que conheceu… na China.

"Com a minha irmã, uma das primeiras viagens que fizemos foi a Portugal. Fomos de Braga a Faro. Tinha 19 anos", recorda Raymond, sentado no sofá, diante de uma parede onde se veem uma das suas obras em madeira e duas em papel recortado. Na altura, enquanto percorria o país, aproveitando as amizades que tinha na Suíça, não imaginava que passadas mais de três décadas voltaria para se instalar com a família em Portugal, onde a mulher foi colocada. Mas como é que um suíço e uma grega se conheceram? "Conhecemo-nos na China!", exclama com um sorriso, antes de explicar: "Eu estava a fazer uma longa viagem pela China durante um ano. A Giorgia estava a fazer uma viagem de três semanas. Uma noite cruzámo-nos. E começámos a escrever-nos." Dessa correspondência nasceu a oportunidade de visitar Giorgia em Madrid, onde esta vivia na altura, e o resto é história.

> "Quando voltei [da China], houve mudanças. Não foi uma influência nem uma inspiração, mas o facto de estar sozinho, de estar longe, de viajar, começou a recentrar-me sobre mim mesmo. E quando voltei tive vontade de respeitar mais a matéria. Encontrar um velho pedaço de madeira e refletir."

Há três anos a viver em Lisboa, Raymond garante que quando surgiu a oportunidade de virem para Portugal não hesitaram. Apesar da sua relação antiga com portugueses, o escultor confessa que ficou "agradavelmente surpreendido" com a simpatia das pessoas: "O respeito, a simpatia, ficámos impressionados com o povo português." A viver num dos bairros mais cosmopolitas da capital, confessa que o seu português não tem melhorado tanto quanto ele gostaria. E em casa, qual é a língua de comunicação. "Francês, a Giorgia fala muito bem francês." Já com o filho adolescente, "eu falo francês, a Giorgia fala grego. Temos feito isso desde que ele era pequeno e funciona muito bem".

Voltando à escultura, Raymond confessa que esta vida itinerante nem sempre é fácil. Neste momento, por exemplo, não tem um estúdio, trabalhando em casa. Mas como é que o filho de um viticultor se foi interessar pela escultura, foi sempre uma paixão? "De todo! Foi mais uma evolução", explica. O desejo de fazer algo com as mãos começou por o levar à marcenaria. "Queria ser marceneiro, queria fazer móveis." E depois da formação acabou por trabalhar nesse setor durante algum tempo, mas "a marcenaria estava a tornar-se muito industrial, era preciso trabalhar cada vez mais depressa". Foi nessa altura que Raymond descobriu a Escola de Escultura de Brienz, onde se formou, antes de abrir o seu ateliê em Saillon. "No início eu era um escultor mais artesanal. Não era bem um artista. Isso do artista veio pouco a pouco. Muitas coisas na vida são evoluções. Foi o que me aconteceu", afirma.

Depois desta formação bastante tradicional – "fazíamos decorações para móveis, animais, figuras para as igrejas, etc." –, admite que teve de "esquecer o que tinha aprendido na escola" para evoluir. Um pouco como quando passou de marceneiro para escultor, pois também aqui foi preciso apagar o que estava para trás para avançar "sempre devagar, passo a passo". Foi assim que as suas esculturas se afastaram do figurativo para se tornarem mais abstratas. Raymond tem obras em pedra, sobretudo no início da carreira, em cimento, em bronze, mas é a madeira que vê como o seu material de eleição. Já a passagem para o figurativo surgiu sobretudo depois da sua viagem à China. "Quando voltei, houve mudanças. Não foi uma influência nem uma inspiração, mas o facto de estar sozinho, de estar longe, de viajar, começou a recentrar-me sobre mim mesmo. E quando voltei tive vontade de respeitar mais a matéria. Encontrar um velho pe-



Marc Raymond com uma das suas obras. Em Lisboa o escultor não tem ateliê, por isso trabalha em casa, sobretudo em papel.

RITA CHANTRE / GLOBAL IMAGENS

daço de madeira e refletir", explica. Um caminho para a sua arte que só foi reforçado pela sua passagem por Madrid, onde apreciou muito a obra de Eduardo Chillida. "Adorei as suas peças em ferro e em betão armado. E em 2005 decidi parar completamente com o figurativo e dedicar-me só ao abstrato", vinca o escultor.

Chegados aqui, e questionado sobre a influência que as viagens e os diversos países onde já viveu tiveram na sua obra, Raymond faz questão de explicar um pouco melhor o seu processo criativo. "O meu trabalho é introspetivo. Não acredito na inspiração – as ideias para novas obras surgem-me enquanto trabalho. Parte de uma escultura dá-me a ideia para outra escultura ou para um recorte. Um recorte dá-me uma ideia para uma escultura", conta. E acrescenta: "É uma evolução, como na vida."

"Procuro sempre a simplicidade, mesmo se as obras puderem ter uma certa complexidade, sobretudo nos ângulos não retos. Procuro as tensões, o equilíbrio e o desequilíbrio, a coerência da escultura com as suas diferentes partes. Procuro ser eu mesmo, fazer algo único, estranho e pessoal."

Confessando não ser simples de explicar como nascem as suas obras, o suíço lá tenta: "Não é uma coisa que vem de fora e que me faz feliz. Pelo contrário, vem de dentro. Claro que ter experiências fortes, ver pessoas novas, ver paisagens diferentes, tudo isso é absorvido e há sempre algo que mais tarde volta a sair."

Isso significa que também não foi influenciado por outros artistas? Recorda que nasceu num meio rural, numa família mais ligada ao vinho do que às artes, mesmo se "tenho um irmão que quase se tornou fotógrafo e tenho uma irmã que pinta". Quanto a artistas preferidos, volta a apontar Eduardo Chillida, também Anthony Caro – "são artistas que fazem construções, que montam coisas". Uma paixão que talvez explique a admiração que Raymond confessa pelo arquiteto Frank Gehry.

E esse desejo de construir algo foi um ponto de viragem na sua obra. "Em vez de escavar a madeira como fazíamos na escola, em vez de tirar a matéria supérflua, de procurar a forma interior, ao fim de 10 anos a trabalhar assim percebi que sou um escultor, sou um construtor. Adoro juntar coisas, experimentar, virar ao contrário, ver o outro lado, juntar mais qualquer coisa."

Mesmo um olho destreinado consegue ver essas características nas obras que nos rodeiam no apartamento de Raymond, que prossegue com a explicação: "Trabalho sempre em séries de várias obras – as sérias Rouges, Formes Noires, Interfaces, Constructions." E sublinha: "Procuro sempre a simplicidade, mesmo se as obras puderem ter uma certa complexidade, sobretudo nos ângulos não retos. Procuro as tensões, o equilíbrio e o desequilíbrio, a coerência da escultura com as suas diferentes partes. Procuro ser eu mesmo, fazer algo único, estranho e pessoal." Nesse aspeto destaca o princípio KISS – *keep it simple and stupid* –, desenvolvido por *designers* e informáticos americanos nos anos 70. "Procuro respeitar muito a matéria, ela é simples, deixo ver as asperezas, a madeira, o trabalho e as junções", explica antes de resumir: "O meu trabalho é para mim uma imagem da vida, da minha vida interior com as suas tensões e aspirações. Amo e preciso de criar, de fazer algo novo com pouco."

Com tantas mudanças de país – já passaram por Espanha, Canadá, agora Portugal –, Raymond confessa que nem sempre é fácil transportar o seu trabalho. "Recomeço sempre do zero", admite, vincando que, por exemplo, quando tem uma exposição na Suíça – a última em que participou foi em 2019, mas faz parte de uma associação de artistas no seu país natal – vai trabalhar para lá durante um mês ou mais.

Talvez por isso em Lisboa, não tendo um ateliê, tem centrado o seu trabalho sobretudo em papel – "como trabalho em casa, tenho feito coisas em papel. Assim, se for à Suíça posso levá-las na mala comigo". O papel , admite, também sempre o ajudou a ultrapassar os bloqueios que por vezes surgem quando está a trabalhar a madeira. "Quando me sinto bloqueado após várias semanas a esculpir, meto tudo de lado. Pego em papel, recorto-o com uma tesoura e junto-o, colo-o, meto alguma tinta. Muitas vezes pinto grandes folhas de preto ou vermelho e depois recorto-as em partes que tento juntar numa outra folha."

"O meu pai tinha um casal de portugueses que trabalhava para ele. E havia muitos portugueses na aldeia, [...] Com a minha irmã, uma das primeiras viagens que fizemos foi a Portugal. Fomos de Braga a Faro. Tinha 19 anos."

Antes de nos despedirmos, não resisto a perguntar se alguém que viaja tanto pelo mundo não tem saudades da sua Suíça. "Há duas coisas de que sinto falta quando estou no estrangeiro: a minha família, porque somos uma família grande e todos eles estão na Suíça, e as montanhas", confessa o escultor, antes de acrescentar a rir: "Aqui em Lisboa estou feliz" com tantas colinas. Criado num vale no coração dos Alpes, com montanhas com mais de quatro mil metros de cada lado, Raymond sublinha que essa paisagem pode não ser alheia à sua escolha profissional: "As rochas, as formas, as montanhas, afinal são esculturas. Talvez tenha vindo daí."

E faz questão de garantir: "Fico feliz por ser suíço. Gosto do meu país. Gosto que tenha várias línguas nacionais, que haja várias mentalidades , várias culturas."

Marc Raymond confessa que depois de uma exposição que está a organizar na Alliance Française de Lisboa, e que deverá inaugurar no próximo ano, gostaria de voltar a fazer expor as suas obras na Suíça. "Ainda não é nada de muito concreto, mas gostava."

LIVROS DA SEMANA

Um *Diário* em que há figuras que se admira pela obra, mas que são trastes humanos

O escritor Mário Cláudio confessa-se no seu *Diário Incontínuo*.

TEXTO **JOÃO CÉU E SILVA**

As 500 páginas de *Diário Incontínuo*, do escritor Mário Cláudio, não registam todos os pensamentos que foi anotando desde tenra idade, depois de lhe terem oferecido um "daqueles livrinhos de capa em couro lavrado, munido de fechadura e respetiva chave, e destinado a guardar segredos". Considera que esse era o presente natalício ou de aniversário da praxe, sobretudo conotado com as adolescentes e o seu mundo de alcova. Não foi esse o destino do seu livrinho: "Não sendo menina, mas afirmando-me desde sempre como pouco dado a desportos violentos, a lembrança com que me brindaram constituiria um convite à escrita."

E não regista este *Diário Incontínuo* todos os momentos desde que no dia 1 de janeiro de 1958 o começou a escrever, como avisa no início sobre a existência de uma "triagem" e de este modelo ser o "mecanismo ideal de escamoteamento de factos", além de, numa espécie de provocação, reproduzir antes de começarem os verbetes uma fotografia de um diário continuado em que estão as datas de 8 e 10 de novembro de 2020 – além de outras reproduções do mesmo género mais à frente. Afinal, esta edição só vai até 10 de setembro de 2019...

A par desses registos que figuram aqui e ali como um verdadeiro *trompe-l'oeil*, coexiste uma profusão de fotografias que ilustram a vida do escritor e os personagens da literatura com quem se deu, os quadros em que é retratado, a memória dos cães, louças ou árvores, etc. Daí que se deva perguntar a Mário Cláudio com que opinião de si sairão os leitores deste *Diário Incontínuo*? A resposta não contém equívocos: "Não



DIÁRIO INCONTÍNUO
Mário Cláudio
D. Quixote
511 páginas

O escritor Mário Cláudio "compilou" uma parte da sua história e revela-se.

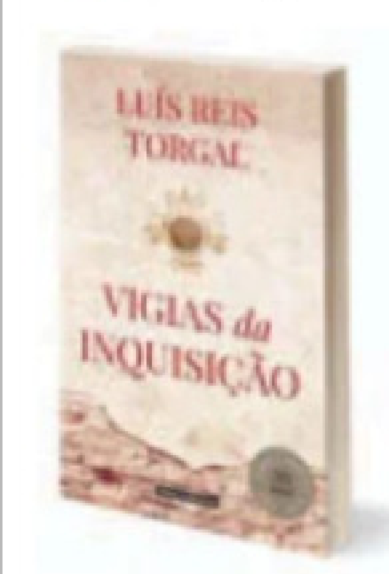
faço a mínima ideia. Imagino que será uma reação mista, de simpatia e antipatia, e tanto para os mais próximos como para os mais distantes." Não deixa de fazer um aviso: "Se a enxurrada de atentados à liberdade que se anuncia, e que, aliás, os políticos mais boçais não se cansam de pôr a circular, conduzir à queima deste livro, que acendam desde já o fósforo. Estou-me nas tintas."

Antes de Mário Cláudio não foram assim tantos os escritores que se abalançaram na aventura de publicar um diário. Os que mais se destacaram em qualidade e quantidade neste registo foram o divulgador de si próprio Miguel Torga e o cáustico Vergílio Ferreira. Quem é que deles mais aprecia, questiona-se, e ouve-se o seguinte: "Todos os que me precederam merecem o meu respeito, e em certos casos foi muito o que nos deram. Já percebi, julgo que em definitivo devemos ao passado muito mais do que aquilo que supomos e que por isso se impõe honrá-lo onde ele ficou. Só assim alcançaremos o direito de contemplar o presente com olhos de ver."

O tom do *Diário Incontínuo* não é, à primeira vista, extremamente verrinoso, mas se o leitor ler com atenção encontrará algumas pérolas – bastantes, diga-se – em que o brilho ofusca uma segunda interpretação. É o caso da entrada de 12/10/1998: "Regresso da Feira do Livro de Frankfurt, lusitanamente associado pela notícia de atribuição do Prémio Nobel de Literatura, não da Física, por ter conseguido pôr a flutuar uma *Jangada de Pedra*, a José Saramago: a máquina estraçalhante da compra e venda dos talentos, a nacional-socialista arrogância dos Hunos, batatas, batatas e batatas."

Deve-se, portanto, perguntar até que ponto Mário Cláudio suavizou certas entradas de modo a não ferir suscetibilidades. O escritor espera que "os melhores dos que se sentirem 'feridos' leiam naquilo que lerem a impressão de um instante, sujeito à caução do tempo. Ao longo deste diário, impõe-se dizê-lo, também me 'automutilei', mas sem esquecer que o decurso dos anos elidirá a causa de tal atitude". Justifica, contudo, que "é para isso que os diários servem; para averbamento do passageiro arrufo, da ofensa que se rasurou ou da ocasional discordância. Situações destas produzem-se até com aqueles que mais amamos, e um diário permite-nos a libertação a longo prazo do ressentimento vulgar ou do corrosivo rancor. A isto acresce, o que talvez se não mostre óbvio para todos, algo que consiste no seguinte: gostar de A ou B não significa gostar necessariamente daquilo que A ou B faz, e gostar daquilo que A ou B faz não terá de coincidir com aquilo que A ou B é". Conclui: "Há figuras que muito admiro pela obra, mas que considero humanamente trastes, e outras cuja obra não me interessa, mas que estimo por serem humanamente excecionais."

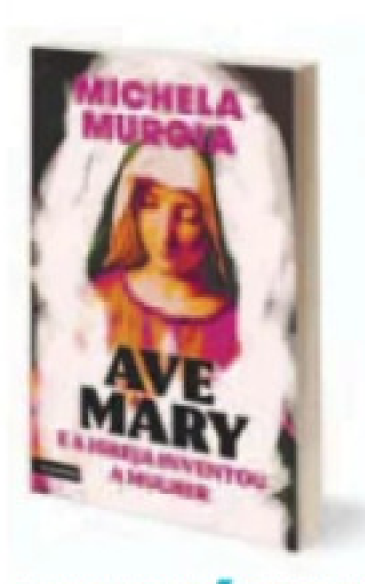
LANÇAMENTOS



VIGIAS DA INQUISIÇÃO
Luís Reis Torgal
Temas e Debates
373 páginas

A INTOLERÂNCIA DA IGREJA

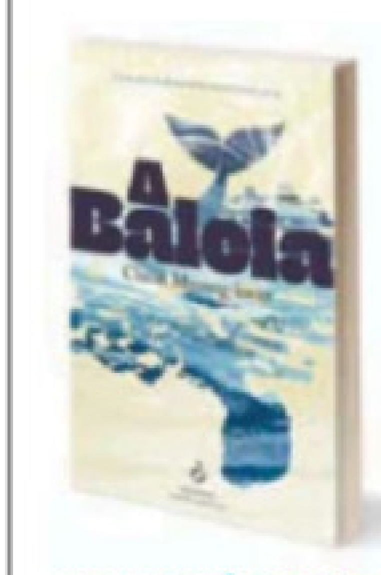
O autor começa por lembrar que a História "não é uma ciência como as outras" e que o seu objetivo é compreender e levar a entender o que se passa no espaço e no tempo sem o pendor de uma sentença de tribunal. É esse o processo que Luís Reis Torgal executa nesta investigação à Inquisição, que já vem dos anos 70, e que nos tempos que correm mais exigente é o conhecimento do poder da Igreja e também do que foi a sua completa intolerância.



AVE MARY
Michela Murgia
Elsinore
171 páginas

UMA INVENÇÃO DA MULHER

Um livro que pretende fazer a reinterpretação de uma figura fundamental na Igreja Católica: Maria. De autoria de uma ativista italiana, que recorre aos textos da *Bíblia*, entre muitos outros ensaios e estudos, para fixar um novo paradigma sobre a Virgem além daquele que passou a significar para a humanidade em função da construção de uma visão patriarcal desde os primórdios dessa religião, bem como do desvirtuamento do seu verdadeiro papel.



A BALEIA
Cheon Myeong-kwan
Quetzal
416 páginas

UM IMAGINÁRIO DISTANTE

Poucos são os autores da Coreia do Sul traduzidos para língua portuguesa, daí que *A Baleia* seja um romance a descobrir tanto pelo mundo que recria como pela diversidade de uma visão a que o leitor tem pouco acesso. Os mitos que se desenrolam pelas suas páginas, no entanto, mostram que mesmo um outro lugar geograficamente muito distante não deixa de partilhar certas narrativas como as do imaginário ocidental, mesmo que num outro tom.



O hotel situa-se a menos de 500 metros do Castelo, da Catedral ou da Ermida de Santo André.

Há mais um hotel com a marca de Vhils

BEJA Nasceu um novo hotel no centro histórico da cidade, em cuja fachada se homenageia a cultura da região através de imagens de arte urbana.

TEXTO **SOFIA FONSECA**

Dois murais com as caras dos poetas alentejanos Florbela Espanca e Mário Beirão esculpidas por Vhils dão as boas-vindas ao novo hotel de Beja. O Holiday Inn abriu as portas há dias e junta-se a um já vasto leque de unidades hoteleiras que elegeram o artista urbano para engrandecer a fachada ou detalhes do edifício. Há-as um pouco por todo o país, de Aveiro a Cascais, passando por Lisboa e terminando no Alentejo.

A obra de Vhils agora desvendada em Beja pretende homenagear a cultura do Alentejo através de dois escritores ali nascidos: Florbela Espanca, em Vila Viçosa, e Mário Beirão, na própria cidade de Beja. Mas no hotel, que resulta de um projeto de reabilitação urbana que preservou a fachada original do edifício já existente, é ainda possível encontrar, no *lobby* e zonas comuns, tapeçaria artesanal de Sílvia Perloiro e, nos quartos, *posters* digitais da artista visual Yolanda Candeias.

Situada a menos de 500 metros do Castelo, da Catedral ou da Ermida de Santo André, esta unidade de quatro estrelas tem 95 quartos distribuídos por quatro pisos, ginásio, piscina exterior no terraço, salas para eventos e uma área comercial com lojas de retalho e um bar.

Tem ainda um restaurante, chamado Chaparro Alentejano, com consultoria do *chef* Miguel Rocha Vieira e que propõe, entre outros, sopa de tomate assado e poejo, açorda alentejana com lascas de bacalhau, arroz de cação com coentros, carne de alguidar de porco preto com migas de batata, ensopado de javali com ervas do monte e, para sobremesa, migas doces com maçã de Portalegre ou sericaia com ameixas de Elvas. Para já, o espaço está apenas aberto aos hóspedes, mas em breve abrirá ao público.

"Queremos receber todos aqueles que pretendem conhecer a região alentejana, mas também estabelecer um diálogo próximo com quem já está na cidade, para que se revejam neste espaço. Por isso temos espaços pensados também para o público local, onde queremos reforçar continuamente a oferta aberta a todos", diz Diogo Fragoso, diretor do Holiday Inn Beja, no documento de apresentação do hotel, o segundo do Grupo Mercan Properties no Alentejo, depois do Hilton Garden Inn, em Évora, e que representa um investimento de 16,8 milhões de euros. Para a segunda quinzena de setembro está prevista a abertura de mais um, o Holiday Inn Express Évora.



Land of Alandroal
Serenidade, elegância moderna e charme intemporal caracterizam o Land of Alandroal, que tem o compromisso de preservar o património histórico do local em que se situa, a Herdade das Parreiras, no Alandroal. Algumas acomodações estão instaladas em edifícios antigos restaurados, mantendo a harmonia entre o passado e o presente. É aí que está mais um mural de Vhils.



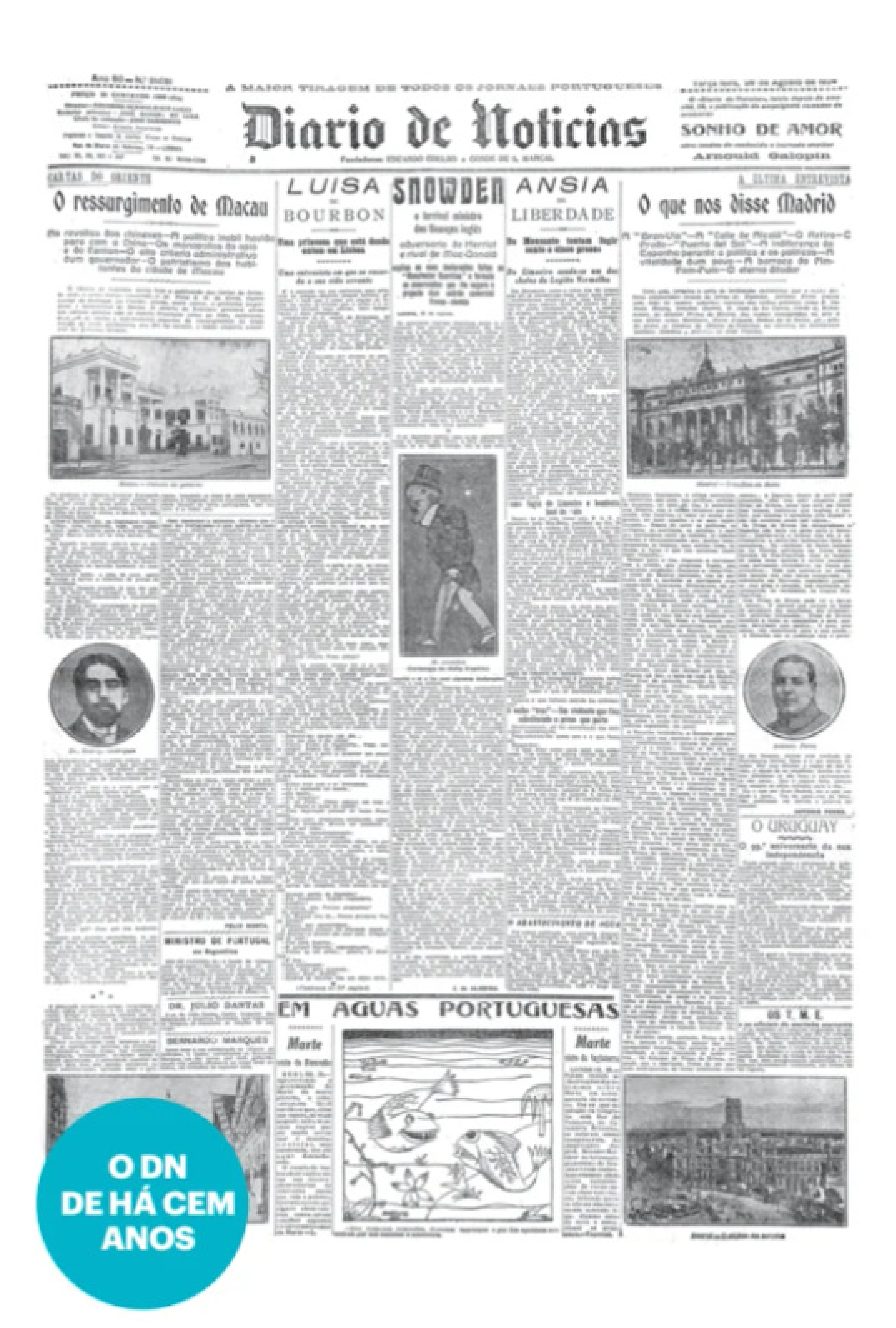
Memmo Alfama
O Memmo Alfama, localizado num pátio antigo deste bairro de Lisboa, combina harmoniosamente com as ruas e becos daquela zona. Numa das paredes exteriores é possível encontrar um mural da autorial de Vhils que retrata o rosto de um ex-morador idoso.

MS collection Aveiro
Situado no centro da cidade, o MS Collection Aveiro é um hotel de charme de cinco estrelas inserido num edifício histórico do século XVIII, totalmente reabilitado e restaurado, outrora residência do pai e família de Eça de Queiroz. Junto à piscina está o mural *Scratching the Surface – Eça* criado por Vhils, que homenageia e interpreta o escritor.



Artsy Cascais
Situado no coração da vila, o Artsy Cascais divide-se em dois edifícios: um palacete do século XIX completamente renovado e um edifício moderno com obra de fachada da autoria de Vhils. O hotel conta com 19 quartos e suítes com vista para o mar e para a baía de Cascais, sendo que quem fica hospedado na ala nova tem a sensação de estar a dormir dentro de uma obra de arte.




Diario de Noticias

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS JORNAIS PORTUGUESES

SONHO DE AMOR

O ressurgimento de Macau

LUISA DE BOURBON

SNOWDEN

ANSIA DE LIBERDADE

O que nos disse Madrid

O URUGUAY

EM AGUAS PORTUGUESAS

O DN DE HÁ CEM ANOS

AS NOTÍCIAS DE 26 DE AGOSTO DE 1924 PARA LER HOJE

ARQUIVO DN **CRISTINA CAVACO**, **LUÍS MATIAS** E **SARA GUERRA**

PREÇO 10 CENTAVOS (100 réis)

FUNDADORES Eduardo Coelho e Conde de S. Marçal

LUISA DE BOURBON

Uma princesa que está desde ontem em Lisboa

Uma entrevista em que se recorda a sua vida errante

E' a segunda vez que entrevisto uma princesa de sangue—daquele sangue heroico, generoso e bom que é como um stigma de beleza em todas as frontes que o exilio e o sofrimento tornam mais altivas, mais insuperaveis e mais grandiosas.

Lembro-me de D. Isabel de Bragança, do seu sorriso nervoso, muito criança, muito avivado de mocidade e de vermelho, dos seus cabelos de oiro veneziano; e daquela outra figura, direita e rigida, fantasma duma realeza morta, um pouco Rei Lear, um pouco espectral, arrepiada de frio, apesar do sol andar, nesse tempo, no regaço das arvores:—o Conde de Eu.

Vendo-os distanciados por dezenas de anos, distancia cheia da ternura e do sorriso da princesa, gracil e imovel como as dos versos de Ruben Dario, que escutam nos cravos antigos as baladas do Reno azul—compreendi que naquelas duas almas havia apenas naquele instante um sentimento simples, carinhoso e profundamente humano. Ele era o avòsinho tremulo, inquieto, que via, pelos lindos olhos da princesa, adelgaçados de lagrimas e de saudades... Ela era a nètinha, a flôr que nascera já muito tarde, fóra da Primavera, mas por isso mesmo mais bela, pura de aróma, de vida, de alegria e de amôr.

Não encontrei nem relembrei, nessas duas cabeças exiladas aquela sumptuosidade decorativa, aquele protocolo rigido, aquela sala do tròno com alabardeiros e sumilheres, com que é de uso scenografar romanticamente as estirpes realengas.

Não! Conversaram com o jornalista em palavras simples, cortadas de tal carinho e de tal ternura que ele guardou sempre na sua saudade, como uma rosa de oiro, o sorriso encantado da princesa Isabel de Bragança.

Ontem, esse sorriso reviveu. Vimo-lo brilhar, cinzelado em bondade, na boca pequenina e subtil da princesa Maria Luisa de Bourbon, que chegou a Lisboa, a bordo do «Andes», e parte amanhã ou depois para Espinho.

Maria Luisa—é uma andorinha errante. Não sei quantos anos terá. Talvez quarenta, quarenta anos que não envelheceram, nem filigranaram de prata o seu cabelo preto. Um perfil sereno, doce e magro, sem aqueles angulos agrestes dos Bourbons, que Velasquez iconografou nas suas telas. Toda ela é uma harmonia religiosa, recolhida, iluminada por um coração de irmã clarista.

Andorinha errante lhe chamei eu, de mim para mim, ao encontra-la naquele quarto vulgar de hotel, atapetado de vermelho, confuso de malas, com um telefone onde devia estar uma Virgem de La Paloma e um solitario alto, onde deviam florir as rosas da nossa terra, princesas irmãs daquela princesa pequenina e esbelta como uma tanagra, vestida de luto pesado.

Quando empurrei a porta do 118, no terceiro andar do hotel, sem me fazer anunciar—porque o jornalismo não tem protocolo—a princesa Maria Luisa de Bourbon teve uma surpresa. Uma surpresa que a teve dois instantes de pé.

Ao meio do quarto—apenas uma cadeira. Foi todo o seu trôno durante a entrevista. Um trôno que apesar de pequeno ela ocupou senhorialmente como se a seus pés estivesse enrolada, roçagante e opulenta, a cauda de um manto real. Pensei num retrato de Sargent. E foi em francês que o «Diario de Noticias» me apresentou e eu o apresentei.

A princesa Maria Luisa de Bourbon, que me interrogára com um «lorgnon» de oiro, num gesto de curiosidade, marcou apenas uma distancia: deixou-me de pé.

Depois o seu sorriso foi mais claro, desenhou-se-lhe nos labios como um coração. Enganei-o, dizendo:

—Quando chegou Vossa Alteza?

—Hoje...

Estava na sombra. Nunca lhe vi os olhos enquanto conversámos, mas adivinhei-os tristes, mais tristes ainda quando interroguei:

—Nunca tinha vindo a Portugal?

—Uma vez com meu marido... Foi ha muito tempo, de passagem. Lembro-me apenas da Avenida, do crepusculo rôxo sob as olaias rôxas... uma mancheia de sol lá no alto...

—O principe...—ia dizendo, senão reparasse no seu luto de mulher e de princesa.

Houve um silencio cheio de recordações, inviolavel como o das catedrais depois do Angelus. Mas a andorinha errante, que tem cruzado todos os mares, atravessado todos os continentes, peregrinado todas as cidades, relembrou breve:

—Demorei-me apenas um dia...

—Um dia que a fez voltar.

—Talvez. Venho de Inglaterra... Viajo, viajo sempre. Nunca me canso.

—Mas agora é para se demorar um pouco mais, pois não é?

Ela sorriu da nossa intimidade, deste desejo de lhe tocarmos o coração com a simplicidade das nossas preguntas, muito vivas e sem heraldica. Vimo-la sorrir e ouvimo-la falar:

—Estive hoje com o sr. Presidente.

—Já o conhecia ha muito...

—Ha muito...

—Em Londres?

—E em Paris... Tenho amigos em toda a parte. Nunca os deixo de visitar...

—Uma impressão pessoal do nosso Presidente...

—Muito culto. Muitissimo inteligente. Admiravel de bondade. Merece ser auxiliado e apoiado por todos...

E fechou, intencionalmente:

—Pela imprensa sobretudo...

Quizemos adivinhar naqueles olhos, em que a sombra vivia com tristeza, mas sem amargura, uma paisagem, um quadro, a linha antiga duma estatua de muzeu:

—O que leva Vossa Alteza Real de Lisboa?

A andorinha errante voou um pouco indecisa sobre os nomes dos monumentos que visitára. Falou nos Jeronimos, na Estrela. Para o museu dos Coches teve esta frase:

—E' lindo! Nunca encontrei uma colecção de carros tão completa. Nem mesmo em Roma.

—Quando partiu de Espanha?

—Em Novembro. Depois—Inglaterra.

—Londres?

—Londres, sim. Porque preguntou?

De imprevisto:

—D. Manuel vive lá... Nunca procurou Vossa Alteza?

—Nunca nos encontrámos...

A andorinha errante foi traçando depois o seu destino—o destino das suas azas, irrequietas de voar:

—Vou para Espinho...

—E porquê Espinho, especialmente...

—Tenho lá um primo... Alberto de Bourbon...

—E fica...

Voou novamente:

—Não; sigo para Espanha...

—Quere dizer, Madrid...

—Madrid de inverno tem um clima duro...

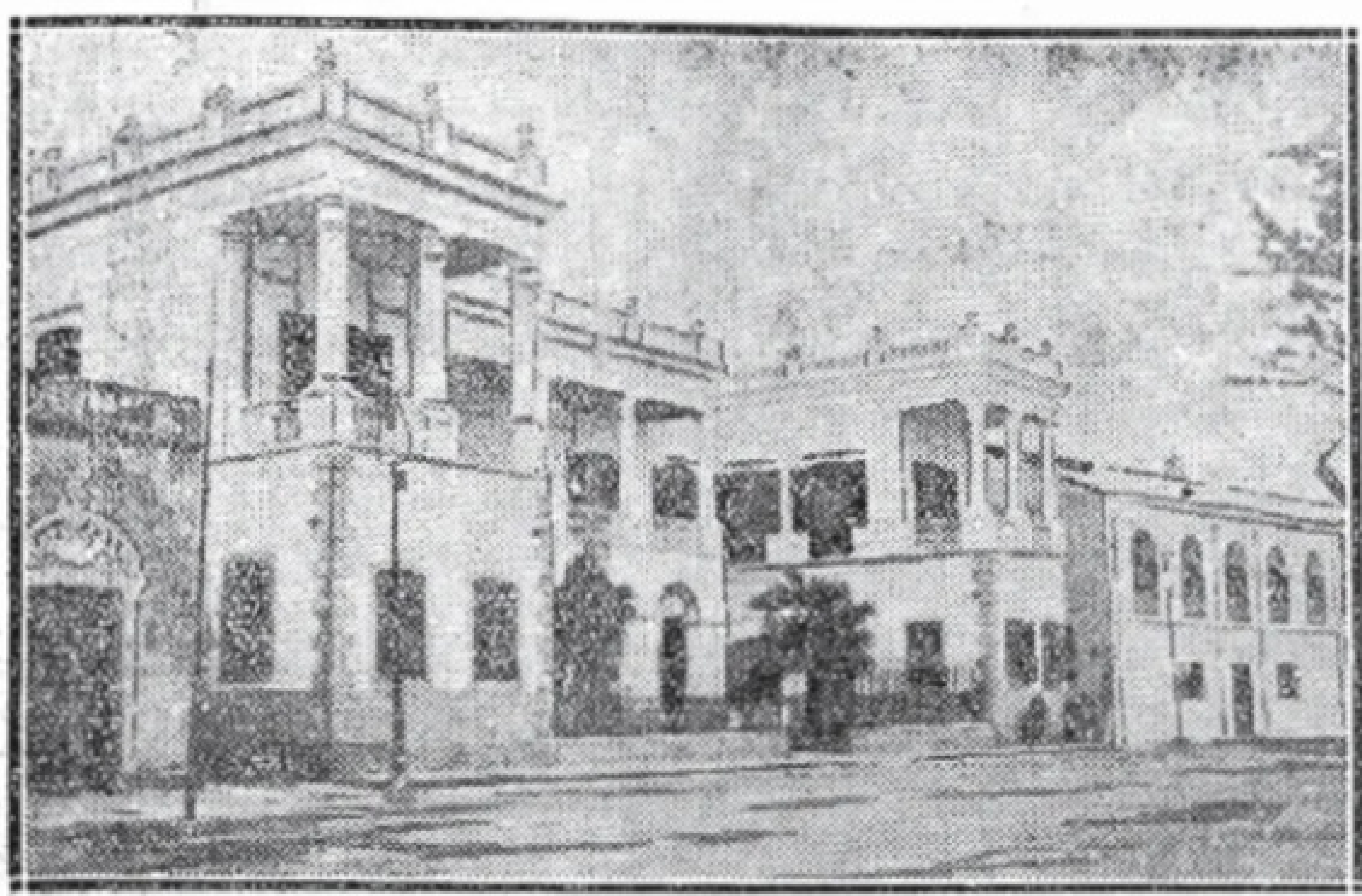
*

(*Continua na 2.ª pagina*)

O ressurgimento de Macau

As revoltas dos chineses—A politica inabil havida para com a China—Os monopolios do opio e do fantan—O alto criterio administrativo dum governador—O patriotismo dos habitantes da cidade de Macau

O «Diario de Noticias» inicia hoje a publicação das Cartas do Oriente, onde o nosso antigo camarada, sr. dr. Felix B. M. da Horta, ilustre consul de Portugal em Cantão, estuda, entre outros, o problema importante e momentoso de Macau. O «Diario de Noticias» prestará assim um valioso serviço não só áquela Provincia como ao País, esclarecendo-a sob os varios e interessantes aspectos do ressurgimento do lindo rincão de terra portuguesa que foi, ha seculos, o maior emporio comercial no Extremo Oriente.



Macau — Palacio do governo

No diadema do Imperio Colonial Português ha três perolas cujo valor pelo menos noventa por cento da nossa gente desconhece: Os Açôres, a caminho da America, a Madeira, na linha do Brasil e Africa, e Macau, na rôta do Extremo Oriente.

Açôres e Madeira são, na linguagem vulgar, a «Ilha», coisa indefinida, vaga, para além do mar, como Cacilhas para a outra banda.

Sobre Macau nem sei se essa mesma ideia existe.

De quando em quando sabe-se que os chineses ali se revoltaram, porque os jornais, em letra gôrda, publicam telegramas, exagerando os factos e fica-se com a impressão de que Macau é outra Brasileira do Rossio, com galhardete do barulho hasteado no mastereu da prôa.

Reclama-se então, a peso de ouro, envio de tropas e navios e exercitos de pretos de Moçambique.

As fôrças chegam quando já não são precisas (ás vezes nunca foram!), mas cá pelo Oriente ficam-se alimentando a reparadoras patacas de Macau.

Disto resulta haver actualmente na Provincia 700 soldados, sargentos e oficiais. E como se este exercito não bastasse para manter a ordem em quatro quilometros quadrados de terra, ha ainda e permanentemente o melhor de 700 policias! Setecentos. Um homem armado por cada 3 metros. Nem no Ruhr...

E ha seculos que Macau tem sido dirigida com desperdicios desta e outra ordem, geralmente por oficiais, valentes sem duvida em frente ás balas, mas com notavel ausencia do tino administrativo, salvas excepções rarissimas que a falta de continuidade governativa inutilizou.



Dr. Rodrigo Rodrigues

Macau geria-se mal ou a prazo, como os ministerios em Lisboa faziam ao país.

Cá e lá os resultados foram identicos.

Junte-se ainda a isto a inabil politica havida com a China, a que corresponderam recuos vexatorios ou arreganhos quixotescos e constate-se, de boca aberta, que, apesar de tudo, Macau tem conseguido manter com saldo os seus orçamentos provinciais!

Este milagre é, porém, (curioso paradoxo) o seu maior cancro.

Macau, habituada a viver sem exigencias e bastando-lhe o rendimento dos monopolios do opio e do fantan, esqueceu-se de trabalhar...

Se o opio e o fantan chegavam para as suas despesas, com que fito ralariam os governadores os cerebros em cogitação de reformas progressivas?

Se as percentagens destes rendimentos, auferidos pelo Leal Senado, satisfaziam ás suas necessidade para que perturbar a terra com inovações capazes de lhe causar insónias?

Se ainda a mesma batota, o mesmo estupefiante e o rendimento miseravel da prostituição bastavam para tapar os buracos financeiros da Misericordia, para que pensar em novas receitas com que se instalasse uma boa casa de saude, um pavilhão para alienados ou uma hospitalização decente para os chinas a quem se dava por ano, ha pouco ainda, umas irrisorias patacas para todos os serviços de saude?

Sim, para quê? Para quê tais modernismos?

Vivendo sem grandes necessidades, os macaenses, aliás inteligentes, ganhavam o necessario á sua vida rotineira, e os seus dirigentes, seguindo-lhes as pisadas, equilibravam facilmente os orçamentos, inscrevendo nas receitas os vicios e nas despesas os cancros,—dum lado: fantan, opio, prostituição; do outro tropa, empregados publicos.

Macau, a cidade do Santo Nome de Deus de Macau, tem, pois, vivido *santamente* destes *ungidos e virtuosos* proventos!

* * *

A arrastada existencia antiga, vergonhosa e esteril tinha que acabar e vai acabar felizmente, porque os macaenses seguem com desusado interesse a obra de ressurgimento, que traçou o alto criterio administrativo do dr. Rodrigo Rodrigues, de quem «A Patria», de Macau, jornal catolico e insuspeito portanto, dizia ha pouco ainda:

«Temos acompanhado com interesse e simpatia as medidas do governo da Provincia, que traduzem vistas largas, boa orientação, inteligencia, honestidade, intenções rectas e grande patriotismo. A autoridade superior da Colonia saiu fôra dos moldes rotineiros da nossa administração, agitando idéas e principios, lançando as bases de uteis empreendimentos e rasgando novos horisontes ao futuro deste bocado de terra portuguesa, que tão caro é a todos nós.

....

«Sem descermos a minucias, diremos que o «Lar dos Portugueses» é uma medida de vasto alcance; a «Feira» e o «Conselho Economico» podem trazer grandes beneficios para o nosso comercio; o diploma legislativo, estimulando os nossos soldados e marinheiros—cujas qualidades admiraveis o major Ferreira do Amaral tão bem descreve no seu livro «A mentira da Flandres e o medo»—a enviar as suas economias para a Metropole, obedeceu a um intuito altamente patriotico; a cunhagem da moeda, a Agencia em Lisboa, a solução dada á questão do Monte-Pio Oficial e tantos outros assuntos tratados e ventilados pelo Governo desta Provincia não podem deixar de merecer o nosso apoio.

«Mas bastaria, para ter direito ao nosso reconhecimento, a politica que o chefe da Colonia tem seguido com relação aos chineses? Quando s. ex.ª aqui chegou envolvia-nos uma atmosfera pesada. A animosidade dos chineses para comnosco era manifesta. Vinhamos sofrendo as consequencias duma grève terrivel com bombas á mistura. Os odios acumulavam-se de parte a parte e ninguem podia dizer com segurança o que sucederia no dia seguinte. Chega o actual Governador e as coisas modificaram-se por completo. As bombas acabaram. A grève terminou. A resistencia activa e passivo do elemento chinês desapareceu como por encanto. Voltou a paz e todos nós começamos a respirar livremente e a vêr que só tinhamos um caminho a seguir: aproximarmo-nos dos chineses, sem, é claro, desprestigio da nossa dignidade nacional. Quando outra coisa não houvesse que não justificasse a nossa gratidão, esta justifica-o. Esta paz, que que nós hoje disfrutamos, é, sem contestação alguma, o fruto da habil politica seguida pela primeira autoridade da Colonia.»

Macau tem, pois, um Governador digno desse nome e ele saberá impedir que o brilho da nossa historia colonial continue a ser empanado por maior tempo com paginas de tal ordem, tanto mais que Macau é ainda hoje, como no tempo de Afonso de Albuquerque, além de padrão de gloria e afirmação de raça, a Colonia portuguesa com melhores e mais faceis condições de valorização economica. E', comercialmente, o porto natural do Rio de Oeste e o ultimo e grande entreposto dos nossos produtos no Extremo Oriente. E' industrialmente, pelo seu clima e pela sua paisagem, o unico centro de turismo do vasto e riquissimo sul da China.

Como afirmação de raça, Macau é ainda extraordinaria pelo patriotismo dos seus habitantes.

Encravados na China, tendo sofrido a pressão dos holandeses e a asfixia do comercio britanico, que os obriga, para ganharem a vida, a conhecer o inglês, como se a sua lingua fôsse, os macaenses, repito, honra lhes seja, são patriotas como os melhores, são portugueses e têm a orgulhosa honra de o ser. E' verdade que nem sempre a este patriotismo corresponde igual sentimento nacional, que só uma educação, um conhecimento bem completo da nossa vida, da nossa historia, das nossas letras, das nossas artes, de todas as nossas possibilidades, sejam quais elas forem, pode dar.

A culpa, porém, desta lacuna não a imputaremos nós aos macaenses, que a não têm, mas aos seus governos e á metropole, tratando-os á laia de bastardos ou filhos dum caseiro de longinqua herdade, a quem mais se curou de explorar o trabalho de que de os educar, transformando-os em reais valores de utilidade colectiva.

Como padrão de gloria, Macau é, finalmente, um dos mais belos da nossa epopeia maritima.

As suas costas são sepulcros, que nos falam das naus que o mar levou quando vinham a *refrescar*, e das preces dos marinheiros, rezando a Deus na Guia, Nossa Senhora da Guia que os guiaria no alto mar, aquele mar que da sua gruta Camões contemplava, quando ergueu ao Sol a Alma dos «Lusiadas».

FELIX HORTA.

MINISTRO DE PORTUGAL
na Argentina

RIO DE JANEIRO, 24.—A bordo do «Almanzora» regressou a Buenos Aires o sr. dr. Alberto de Oliveira, ministro de Portugal na Argentina. A despedir-se daquele diplomata português esteve o sr. dr. Duarte Leite, embaixador de Portugal no Rio de Janeiro, representantes do dr. Artur Bernardes e do governo, e um grande numero de homens de letras.—A.

DR. JULIO DANTAS

O sr. dr. Julio Dantas, ilustre inspector das Bibliotecas e Arquivos Nacionais, que regressou de Melgaço, já reassumiu as funções do seu cargo.

BERNARDO MARQUES

Inicia hoje a sua colaboração no «Diario de Noticias», o ilustre caricaturista sr. Bernardo Marques, um dos novos que mais galhardamente tem sabido afirmar-se no nosso meio artistico, em trabalhos de superior valia.

A festa pelos 80 anos de Paris libertada dos nazis

Os 80 anos da libertação de Paris da ocupação nazi foram comemorados na capital francesa durante dois dias. No sábado ocorreu o descerramento de uma nova placa histórica que comemora a entrada da chamada "Coluna Dronne" no Sul de Paris, na madrugada de 24 de agosto de 1944, vanguarda das tropas aliadas. Ontem, domingo, veículos militares da Segunda Guerra Mundial desfilaram pelas principais ruas da capital francesa.



CHRISTOPHE PETIT TESSON/EPA/LUSA

Snowden condena detenção de criador do Telegram

FRANÇA Pavel Durov é investigado por cumplicidade nos crimes cometidos na plataforma por falta de moderação. Rússia queixa-se que Paris "recusa cooperar".

Edward Snowden, o ex-analista que trabalhava para as agências de informações dos EUA e divulgou dados confidenciais sobre os programas de espionagem do país, condenou ontem a detenção do criador da rede de mensagens encriptadas Telegram. O milionário franco-russo Pavel Durov, de 39 anos, foi preso no sábado à noite após aterrar num aeroporto francês e ontem foi ouvido pelo juiz, que decidiu alargar o período de detenção. Pode ficar preso até 96 horas.

A justiça alega que a falta de moderação no Telegram e de cooperação do fundador da plataforma com as autoridades o tornam cúmplice dos crimes ali cometidos, desde tráfico de droga a fraude. A empresa disse ontem que o seu patrão "não tem nada a esconder" e considerou "absurdo" alegar que ele é responsável "pelo abuso na plataforma"

"A detenção de Durov é um ataque aos direitos humanos básicos de liberdade de expressão e associação", escreveu Snowden no X. O antigo analista norte-americano, a quem Moscovo concedeu a cidadania russa, disse ainda estar "chocado e profundamente triste que [o presidente francês, Emmanuel] Macron tenha descido ao nível de fazer reféns como forma de aceder a mensagens privadas". Para Snowden, a detenção de Durov "mina a dignidade" não só da França, mas de todo o mundo.

A embaixada russa em Paris acusou entretanto as autoridades francesas de "se recusarem a cooperar" com Moscovo. "Pedimos imediatamente às autoridades francesas que explicassem as razões da detenção e exigimos que os seus direitos fossem protegidos e que lhe fosse concedido acesso consular. Até à data, a parte francesa continua a recusar-se a cooperar nesta questão", acusou a embaixada, citada pela Ria Novosti.

Pavel saltou para a ribalta na Rússia com a criação da rede social VKontakte – era conhecido como o "Zuckerberg russo", numa comparação com o fundador do Facebook. Após disputas com as autoridades russas por alegadamente recusar apagar contas de opositores, vendeu a aplicação e deixou o país. Acabaria por fundar no Dubai o Telegram, uma rede encriptada que ganhou sucesso, mas também críticos pela falta de moderação. **DN/AGÊNCIAS**



BREVES

Venezuela. Forças Armadas declaram "absoluta lealdade" a Maduro

As Forças Armadas Nacionais Bolivarianas (FANB), da Venezuela, declararam ontem "absoluta lealdade e subordinação" ao presidente, Nicolás Maduro, após a validação da sua vitória nas últimas eleições pelo Supremo Tribunal de Justiça, apesar das denúncias de fraude. "Hoje [ontem] ratificamos a nossa absoluta lealdade e subordinação ao comandante-chefe das FANB e ao presidente Nicolás Maduro, bem como ao processo revolucionário bolivariano legitimamente constituído", afirma uma mensagem partilhada no Instagram pelo comandante operacional estratégico da instituição militar, Domingo Hernández Lárez. A Constituição, no seu artigo 328.º, refere que as FANB são uma "instituição essencialmente profissional, sem militância política", que está "ao serviço exclusivo da nação e em caso algum ao serviço de qualquer pessoa ou partido político". De acordo com a mensagem publicada por Hernández Lárez, as Forças Armadas "cumprem absoluta e categoricamente" a decisão da Câmara Eleitoral do Supremo Tribunal de Justiça, que confirma os resultados anunciados pelo Conselho Nacional Eleitoral (CNE), atribuindo a vitória nas eleições realizadas em 28 de julho a Maduro, para um terceiro mandato consecutivo.

Saídas e entradas de jogadores no Dragão e em Alvalade

O internacional uruguaio Maxi Araújo já está em Lisboa para assinar pelo Sporting. À chegada ao Aeroporto Humberto Delgado, ontem, o extremo disse à comunicação social que vem "para ser campeão". O jogador, de 24 anos, chega transferido do Toluca, clube da Liga mexicana, onde está o ex-Sporting Paulinho, e assinou um contrato até 2029 com o clube de Alvalade. Por sua vez, o defesa-central David Carmo vai regressar aos gregos do Olympiacos por empréstimo dos ingleses do Nottingham Forest, após ter terminado a ligação ao FC Porto, anunciaram os três clubes . "A FC Porto SAD vem informar o mercado que chegou a um acordo com o Nottingham Forest para a cedência, a título definitivo, dos direitos de inscrição desportiva e 100% dos direitos económicos do jogador David Carmo pelo valor total de 15 milhões de euros (ME), correspondendo a uma remuneração fixa de 11 ME, acrescida de uma remuneração variável máxima de 4 ME", informaram os dragões em comunicado enviado à Comissão do Mercado de Valores Mobiliários.



Conselho de Administração - Marco Galinha (Presidente), Kevin King Lun Ho, António Mendes Ferreira, Victor Santos Menezes, Vitor Coutinho, Diogo Queiroz de Andrade, Rui Costa Rodrigues, José Pedro Soeiro **Direção interina** Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Data Protection Officer** António Santos **Propriedade** Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 9 309 016,95 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Rua Gonçalo Cristóvão,195-219 – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Redação: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 **Marketing e Comunicação** Carla Ascenção **Direção Comercial** Pedro Veiga Fernandes **Detentores de 5% ou mais do capital da empresa:** Páginas Civilizadas, Lda. – 41,51%, KNJ Global Holdings Limited – 29,35%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro – 20,40%, Grandes Notícias, Lda. – 8,74% **Impressão** Gráfica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelena – 2715-029 Pero Pinheiro); Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) – Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP; Registado na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias uteis das 8h às 18h E.mail: apoiocliente@dn.pt



